

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Mario Fleig: O pai moderno dilapidado: efeito do declínio do modelo patriarcal

PÁGINA 13 | Philippe Julien: O pai continua sendo necessário?

PÁGINA 15 | Edna Galvão: A função paterna autorizada pela mãe

PÁGINA 18 | José Martinho: Declínio da autoridade do pai é patente hoje

PÁGINA 20 | Marcelo Veras: A condenação do pai e o declínio da clínica

B. Destaques da semana

» Brasil em Foco

PÁGINA 25 | Rubens Ricupero: "Brasil só pode competir com os gigantes na área da agricultura"

» Memória

PÁGINA 28 | Jean Ladrière

» Entrevista da Semana

PÁGINA 30 | Francimar Arruda: As múltiplas faces do imaginário político

» Filme da Semana

PÁGINA 33 | Do outro lado, de Fatih Akin

» Invenção

PÁGINA 35 | Sebastião Edson Macedo

» Destaques On-Line

PÁGINA 38 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Agenda de Eventos

PÁGINA 42 | Paulo Suess: Medellín, Puebla, Aparecida e Santo Domingo: a luta pelos pobres e pela libertação

» Perfil Popular

PÁGINA 45 | Cláudia Santos

» IHU Repórter

PÁGINA 46 | Marita Konzen

SÃO LEOPOLDO, 04 DE AGOSTO DE 2008 | EDIÇÃO 267







Revista do Instituto Humanitas Unisinos



Tema de Capa



O pai moderno dilapidado: efeito do declínio do modelo patriarcal

"A introdução da função paterna para uma criança é o que permitirá sua humanização, ou seja, sua entrada na linguagem e na socialização", considera o psicanalista Mario Fleig

POR GRAZIELA WOLFART

concepção lacaniana de pai, em seus três registros (pai imaginário, pai simbólico e pai real), a noção de metáfora paterna e de função paterna, a pluralidade dos nomes-do-pai e as formas inventivas de suplência da carência do pai seriam operadores suficientes para uma adequada leitura dos impasses sociais e subjetivos da nossa contemporaneidade?". Essas questões cruciais são levantadas pelo professor Mario Fleig, em entrevista concedida por e-mail para a IHU On-Line, ao analisar a questão da paternidade a partir do pensamento de Lacan. Para ele, "a criança, entregue ao desejo materno onipotente e sem o recurso do significante paterno, retrata a imagem perfeita da angústia". Mario Fleig é professor do curso de pós-graduação em Filosofia da Unisinos e membro da Associação Lacaniana Internacional. Graduado em Psicologia, pela Unisinos, e em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, é mestre em Filosofia, pela UFRGS, doutor em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e pós-doutor em Ética e Psicanálise, pela Université de Paris XIII (Paris-Nord), França. É autor de, entre outros, *O desejo perverso* (Porto Alegre: CMC Editora, 2008).

IHU On-Line - Em que sentido a concepção de paternidade a partir de Lacan contribui para o entendimento da figura do pai na contemporaneidade?

Mario Fleig - A concepção de paternidade proposta por Lacan¹ retoma <u>a que já fora e</u>laborada por Freud,²

1 Jacques Lacan (1901-1981): psicanalista francês. Lacan fez uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor (descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas esta é apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. (Nota da IHU On-Line)

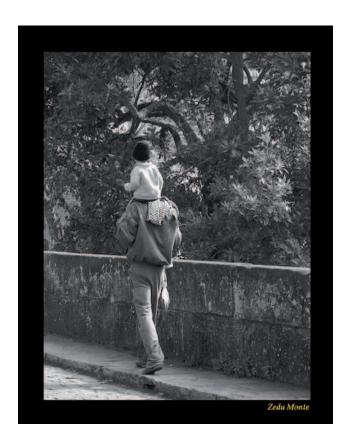
2 Sigmund Freud (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a idéia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias, e seu tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e

como lemos na conclusão central de Totem e Tabu,³ que a moralidade, a religião e a sociedade, assim como o núcleo de todas as neuroses confluem num único ponto: "a relação do homem com o pai". Lacan foi pioneiro

continuam muito debatidos hoje. A edição 170 da IHU On-Line, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título Sigmund Freud. Mestre da suspeita, e a edição 207, de 04-12-2006, o tema de capa Freud e a religião. A edição 16 dos Cadernos IHU em formação tem como título Quer entender a modernidade? Freud explica. Todos os materiais estão disponíveis para download no site do IHU (www.unisinos. br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

3 Freud (1913, p185-186): "Ao concluir, então, esta investigação excepcionalmente condensada, gostaria de insistir em que o resultado dela mostra que os começos da religião, da moral, da sociedade e da arte convergem para o complexo de édipo. Isso entra em completo acordo com a descoberta psicanalítica de que o mesmo complexo constitui o núcleo de todas as neuroses, pelo menos até onde vai nosso conhecimento atual. Parece-me ser uma descoberta muito surpreendente que também os problemas da psicologia social se mostrem solúveis com base num único ponto concreto: a relação do homem com o pai." (Nota do entrevistado)

em propor um retorno a Freud, e sua originalidade consiste em ter visto que a questão do pai perpassa toda a obra de Freud e que sua formalização permitiria uma interpretação tanto do sintoma individual quanto uma leitura da mutação cultural própria da época da ciência moderna e de seus efeitos subjetivos. Neste sentido, a formalização do que seja um pai, por meio da noção de função paterna, permite a Lacan especificar a problemática do pai na contemporaneidade ao diferenciar a figura, a imago ou o papel do pai de sua função. Lacan, em seu artigo "A família: os complexos familiares na formação do indivíduo",4 de 1938, já discutia os efeitos sociais e subjetivos do que denominava de "declínio social da imago paterna", sugerindo que as formas de neuroses dominantes estão intimamente relacionadas com as mudanças nas condições da família, 4 Publicado em J. Lacan, Outros escritos. Rio de Janeiro, J. Zahar, 2002. (Nota do entrevistado)



especialmente o que denomina de "a grande neurose contemporânea", que é a depressão. Roland Chemama, em novembro de 2007, apresentou na Unisinos uma conferência a partir desta perspectiva introduzida por Lacan, desenvolvida em seu recente livro Depressão, a grande neurose contemporânea (Porto Alegre: CMC, 2007), ressaltando a dimensão de impotência e as soluções em formas utópicas que passam a dominar nas modalidades de depressão que corroem o lugar paterno.

O pai carente, ausente, humilhado, dividido e postiço

Neste momento inicial de suas formulações da questão do pai, a partir da concepção freudiana, Lacan insiste no papel central desempenhado pela personalidade do pai contemporâneo: sempre carente, ausente, humilhado, dividido e postiço. Este pai moderno dilapidado e aviltado é efeito do declínio do modelo patriarcal, progressivamente substituído pelo modelo horizontal moderno, igualitário, fraterno e autônomo. Contudo, isso não significa deplorar o abandono do modelo tradicional, mas antes tentar encontrar os operadores da estruturação de um sujeito e de uma dada cultura, ou seja, o que determina o social e o individual. A pista lançada por Freud, que localiza a questão do pai como o organizador fundamental da subjetividade e da cultura, é retomada a partir da introdução da noção de função paterna. Lacan, com a utilização da noção lógico-matemática de função, oriunda de Frege,7 como operador fundamental no qual se inclui então a função paterna, nos permite compreender que o pai, antes de qualquer outro atributo, é uma função. Deste modo, a queda do rei, o declínio do modelo patriarcal, o descrédito nos deuses, o pai humilhado etc. não coincide necessariamente com a destruição das condições de operação da função paterna. Entretanto, a mutação cultural que especifica o Ocidente determina a produção de uma nova economia psíquica, que certamente tem correlação com a nova economia mundializada.

Que lugar ainda restará para este personagem, o pai?

Então, como é que operação da função paterna, fundamental para a estruturação do sujeito, se dá nesta nossa contemporaneidade? Se vivemos numa espécie de ressurgimento do matriarcado, com um aumento de famílias recompostas em torno da mãe, assim como acompanhamos os avanços biológicos nas formas de procriação que dispensam o sexual (e com isso a participação do pai) e na identificação inequívoca do pai biológico, que lugar ainda restará para este personagem, o pai? Creio que é neste ponto que a originalidade da concepção de paternidade de Lacan pode nos indicar algum rumo na confusão em que estamos jogados. Lacan insiste que o pai é um significante e que a mãe, em sua função primordial de ser o Outro para o bebê, não dispõe deste significante, ou seja, ele lhe falta. E este significante tem um nome: é o nome-do-pai, efeito da operação da metáfora paterna e que designa aquilo que Lacan reconhece nas grandes religiões, ou seja, o efeito simbólico de um puro significante.

Os dois tempos da operação da metáfora paterna

A formalização da operação da metáfora paterna consiste em um jogo de substituição na cadeia significante que antecede a entrada na linguagem do novo sujeito, e comporta dois tempos distintos. O primeiro tempo realiza a suspensão do desejo da mãe, substituindo-o pela função do pai, por meio do apelo a seu nome, induzindo a identificação com o pai e a quebra da posição de assujeitamento ao desejo e à demanda da mãe. Esse primeiro tempo introduz o sujeito na dialética edipiana, ou seja, rompe com o con-

⁵ Roland Chemama examina a estrutura da depressão em seu recente livro, *Depressão*, *a grande neurose contemporânea* (Porto Alegre: CMC, 2007). (Nota do entrevistado)

⁶ **Roland Chemama**: psicanalista francês, membro da Association lacanienne internationale, organizador do *Dicionário de Psicanálise* (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007).

⁷ Friedrich Ludwig Gottlob Frege (1848-1925): foi um matemático, lógico e filósofo alemão. Trabalhando na fronteira entre a filosofia e a matemática, Frege foi o principal criador da lógica matemática moderna, sendo considerado, ao lado de Aristóteles, o maior lógico de todos os tempos. (Nota da IHU On-Line)

tínuo do campo materno e inscreve o sujeito na dimensão fálica, apontando-lhe um lugar e um tempo. O espaço e o tempo se organizam vetorizados por um significante denominado de falo, ou seja, há como avaliar o valor fálico de cada ente. No segundo tempo da operação da metáfora paterna, o significante nome-do-pai duplica o lugar do Outro e confronta o sujeito com o significante fálico, de modo que possa se instituir a fala e também possa ser introduzido na dialética do desejo e na sexuação. Estes tempos de estruturação do sujeito pela operacão da metáfora paterna guerem dar conta do processo de humanização da cria humana: como é que se estrutura o desejo na criança? O que faz uma criança falar? O que quer dizer falar? Ora, Lacan, ao lembrar que o desejo do sujeito é o desejo do Outro, tanto no sentido subjetivo de desejar o Outro quanto no sentido objetivo de ser o desejo do Outro, ressalta que o desejo é prescrito pelo Outro, e implica uma obrigação para o sujeito: reconhecer a dívida simbólica e sua obrigação em inscrever seu desejo segundo seu sexo. Em outras palavras, o significante nome-do-pai reúne, ao mesmo tempo, a instância do desejo (instaura uma falta) e a instância da Lei (a mãe está interditada).

As perguntas cruciais perduram: a concepção lacaniana de pai, em seus três registros (pai imaginário, pai simbólico e pai real), a noção de metáfora paterna e de função paterna, a pluralidade dos nomes-do-pai e as formas inventivas de suplência da carência do pai seriam operadores suficientes para uma adequada leitura dos impasses sociais e subjetivos da nossa contemporaneidade?

IHU On-Line - Na concepção de Lacan, qual é a importância do discurso da mãe para a afirmação da figura e do papel do pai?

Mario Fleig - Lacan, especialmente em seu seminário, de 1956-1957, "A relação de objeto", propõe uma concepção de estruturação psíquica da criança que rompe com as idéias dominantes da época (as famosas fases instintivas). Ele postula como fundamental o lugar central da falta na subjetivida-

de, e, gracas aos três registros, real, simbólico e imaginário, ele define e articula entre si os três tipos de falta pertinentes: privação, frustração e castração. Ora, a introdução da criança na dimensão da falta se dá precisamente na forma de endereçamento em que esta é tomada no discurso do seu Outro primordial, o Outro materno. A quem a mãe endereça seu bebê? Com quem a mãe teve este bebê? Estas perguntas não se resolvem pela afericão de quem é o pai biológico. Trata-se de saber a posição do desejo materno. J. Bergès e G. Balbo, em Atualidades das teorias sexuais infantis (Porto Alegre, CMC, 2001) e Há um infantil da psicose? (Porto Alegre: CMC, 2002), ao

"Este pai moderno
dilapidado e aviltado é
efeito do declínio do
modelo patriarcal,
progressivamente
substituído pelo
modelo horizontal
moderno, igualitário,
fraterno e autônomo"

retomarem a noção freudiana das teorias infantis à luz da noção lacaniana do inconsciente como sendo o discurso do Outro, chamam a atenção para a questão do endereçamento do bebê feito pela mãe. É o endereçamento materno, presente em seu desejo, que determinará o desencadeamento da operação da função simbólica do pai. O significante pai, para que a função paterna seja colocada em operação, precisar ser reconhecido como faltante no discurso materno, o que determina que a mãe dê testemunho de sua falta para seu bebê, ou seja, que possa apresentar ao seu bebê o que

lhe falta (em termo freudiano, isso significa reconhecer sua não completude, ou seja, sua castração). Assim, uma mulher, ancorada em sua teoria sexual infantil, pode ter "o desejo de fazer um filho na mãe" ("der Wunsch ..., der Mutter ein Kind zu machen"), como Freud se refere em 1933 na conferência "A feminilidade" (Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Studienausgabe. Frankfurt am Main, Fisher Verlag, 1982, v. I, p. 551). Assim como a posição sexual de um sujeito se define não por uma suposta identidade, mas pela oposição ao sexo ao qual se endereca, também a instauração do lugar paterno, para um sujeito em estruturação, se dá pelo reconhecimento do pai real, do pai imaginário e do pai simbólico operado no discurso materno. Aquele que é paciente, presente, carinhoso etc. pode preencher o lugar do pai imaginário. Aquele que introduz a criança em uma filiação, uma linhagem, um nome, é o pai simbólico. E aquele a quem esta mulher, mãe da crianca, deseja mais do que a plenitude da maternagem, aquele homem que a confronta com o sexo, é o pai real, que introduz o que é traumático para todo novo sujeito: o sexual.

IHU On-Line - O que é para um filho/ filha ter um pai? O que faz com que um sujeito diga que tem ou teve um pai?

Mario Fleig - O que um filho ou uma filha dizem de seu pai? Se pudermos escutar o que um sujeito tem a dizer de seu pai, saberemos o que é ter um pai para este sujeito. As respostas mais frequentes indicam que os filhos só têm queixas: o pai é sempre insuficiente, falho, ausente, pecaminoso Nas queixas sobre as falhas do pai, podemos também ler o pedido de um pai que pudesse garantir o lugar do sujeito e dar o apoio a seu desejo. Tomemos o caso de Hamlet, que sabe que seu pai foi assassinado, sabe quem o assassinou e sabe que lhe cabe mover uma ação contra o criminoso, e, no entanto, não age. O que paralisa Hamlet? Qual é a causa de seu desânimo? O motivo de sua melancolia se encontra no que lhe revelou o espectro: o amor mais puro foi traído,

visto que o pai altamente idealizado carrega uma dívida inexpiável, ou seja, é um pai pecaminoso. Hamlet se confronta com a total ausência de garantia no Outro, figurado pelo pai em falta, de modo que um dos apoios fundamentais para o desejo, o ideal paterno a ser seguido, se desmorona. O outro apoio para o desejo estaria articulado com o objeto faltoso, na dependência do desejo materno: mas agui Hamlet se defronta com uma mãe que não conhece o luto, uma mãe que permaneceu onipotente, e ele se abole diante desse desejo materno. Somente com a morte e o enterro de Ofélia ele poderá fazer o luto (por meio do luto de Laerte) de ser o falo para sua mãe (aqui ele estava equiparado a Claudius), e então romper com sua inibicão. Hamlet é emblemático sujeito contemporâneo particularidade de não encontrar no pai um apoio para seu desejo. Podemos lembrar de outros exemplos clássicos, como a trilogia de Paul Claudel,8 que apresenta a imagem chocante do pai humilhado, assim como a história que Freud relata de seu próprio pai, que lhe conta como fora humilhado na rua por ser judeu. Freud vê, naquele instante, seu pai idealizado ruir e, sem saber o que pensar, suspende qualquer julgamento: não saberia mais se seu pai era um covarde ou um herói. Kierkegaard9 também se debate a vida inteira com a decepção que lhe causa a revelação da pecaminosidade de seu

pai idealizado.

IHU On-Line - Existe alguma contribuição exclusiva do pai no sentido de humanizar o filho?

Mario Fleig - A crianca, entregue ao desejo materno onipotente e sem o recurso do significante paterno, retrata a imagem perfeita da angústia: estar completamente à mercê do Outro, sem saber o que o Outro quer de mim e o que eu possa ser para ele. A demanda do Outro materno, quando não interditada, figura a goela devoradora, diante da qual o sujeito se encontra prestes a ser abocanhado, aspirado, engolido. Esta boca aberta insaciável tanto pode se especificar na oralidade desmedida, expressa nas formas atuais de anorexia, bulimia, toxicomania etc., quanto no real do sexo feminino. Trata-se de um buraco que exerce esse efeito de aspiração. Ora, a função paterna, como função interditora, exerce um efeito pacificador e civilizador. O pai tem a função de domesticar esse lugar para torná-lo apto ao gozo sexual, ou seja, um gozo parcial e organizado na linguagem. Assim, podemos afirmar que a introdução da função paterna para uma criança é o que permitirá sua humanização, ou seja, sua entrada na linguagem e na socializacão. Realizar o trabalho civilizador é dar aos filhos o acesso ao gozo sexual, por meio da interdição ou da Lei, que proíbe e ao mesmo tempo autoriza. O pai, enquanto função, é o que interdita a mãe e autoriza o acesso a um lugar sexuado.

IHU On-Line - A partir da concepção lacaniana de paternidade, como fica a questão da autoridade paterna, considerando a característica da autonomia dos indivíduos de nosso tempo?

Mario Fleig - Charles Melman, 10 em

seu livro Novas formas clínicas no início do terceiro milênio (Porto Alegre: CMC, 2003), levanta a hipótese de que na contemporaneidade nos encontramos em uma nova economia psíguica e esta corresponde à mutação cultural que consiste em que nós nos supomos liberados da referência paterna. Ligado a isso, também ocorre uma recusa de que estejamos submetidos à linguagem e ao fato que o objeto capaz de causar o nosso desejo e satisfazê-lo seja um objeto radicalmente perdido. Em contrapartida, vivemos segundo a exigência, realizável graça à capacidade tecnológica contemporânea, de obtermos todos os objetos que possam saturar nossos desejos e apetites, de tal modo que a forma representativa de nossa época é a toxicomania. Todos nos tornamos dependentes do objeto suscetível de saturar e satisfazer nosso desejo. Não são mais as leis da linguagem que nos comandam, mas o objeto apto a nos satisfazer. Assim, ganha primazia tudo que é da ordem da imagem, e isso tem consequências sobre a organização psíguica, assim como produz um homem e uma mulher novos, que pensam e vivem de modo diferente. O deslocamento da autoridade do lugar paterno para o objeto que nos comanda torna nossa vida muito mais simples, visto que se supõe que há objetos em abundância capazes de regular os apetites. A conseqüência clínica é que temos menos neurose, mas em contrapartida mais fobia, depressões, anorexia e bulimia, assim como mais delingüência (com seu viés perverso). Há uma inteligência nova: parece que o número dos "espertos" (tendências perversas, que visa intrumentalizar o semelhante) se multiplica, assim como a vontade de autonomia. Ora, a autonomia encontra sua expressão emblemática na vontade do paranóico, que proclama nada dever a ninguém e poder decidir tudo por si mesmo, visto que a ação de cada um se torna persecutória para o outro. Charles Melman, em seu recente seminário na Unisinos, Como alguém se torna paranóico? (Porto Alegre: CMC, 2008, p. 16), tentava dizer em uma frase o que seria a paranóia: "Dizer o que é a paranóia em uma frase. É preciso ser um pouco paranóico para dizer o que é paranóia

¹⁰ Charles Melman: psicanalista francês, aluno de Lacan. É membro fundador da Association Freudienne Internationale e diretor de ensino na antiga École Freudienne de Paris. Escreveu dezenas de livros. De 17 a 19-05-2007, Melman esteve na Unisinos proferindo o ciclo de conferências Como alguém se torna paranóico? De Schereber a nossos dias, numa promoção do Instituto Humanitas Unisinos (IHU). Ele também abriu o Simpósio Internacional O futuro da autonomia. Uma sociedade de individuos?, realizado na Unisinos, em maio de 2007, com a conferência O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos. Desafios e prospectivas (Nota da IHU On-Line)

⁸ Paul Claudel (1864-1955): poeta e diplomata. Um dos maiores expoentes da literatura de sua geração. Foi embaixador da França no Brasil (Nota da IHU On-Line).

⁹ Soren Kierkegaard (1813-1855): filósofo existencialista dinamarquês. Alguns de seus livros foram publicados sob pseudônimos: Víctor Eremita, Johannes de Silentio, Constantín Constantius, Johannes Climacus, Vigilius Haufniensis, Nicolás Notabene, Hilarius Bogbinder, Frater Taciturnus v J. Anticlimacus. Filosoficamente, faz uma ponte entre a filosofia de Hegel e aquilo que viria a ser o existencialismo. Kierkegaard negou tanto a filosofia hegeliana de seu tempo, quanto aquilo que classificava como as formalidades vazias da igreia dinamarquesa. Boa parte de sua obra dedica-se à discussão de questões religiosas como a naturaza da fé, a instituição da igreja cristã, a ética cristã e a teologia. Autor de O conceito de ironia (1841), Temor e tremor (1843) e O desespero humano (1849). A respeito de Kierkegaard, confira a entrevista "Paulo e Kierkegaard", realizada com o Prof. Dr. Álvaro Valls, da Unisinos, na edição 175, de 10-04-2006, da IHU On-Line. (Nota da IHU On-Line)



"O pai, antes de qualquer outro atributo, é uma função"

em uma frase, mas eu vou fazer isso assim mesmo. A paranóia é a certeza para um sujeito de ter o saber da verdade, da verdade absoluta. E a prova é que essa verdade que o sujeito possui é capaz de reparar tudo o que não vai bem na sociedade, tudo o que não vai bem no casal; o que faz com que seja um saber que se apresenta também como salvador". Ele então desenvolve o sentido de breve definição da paranóia. Por que isso interessa quanto à questão da função paterna e da autoridade? A razão é simples: o abandono de um sistema de referências ancorado na operação do significante paterno (que se organiza segundo uma lógica trinitária, mantendo sempre uma nãoequivalência entre dois termos e se sustentando nas operações metafóricas e metonímicas) implica na entrada em outro sistema que se caracteriza por uma lógica binária. A lógica binária, fundamental nas linguagens artificiais (e base hoje para a linguagem computacional), determina, no nível social, relações duais. Ora, a paranóia se caracteriza pela falha na operação da metáfora paterna, o que determina o uso prevalente da lógica binária como modo de sustentação subjetiva.

IHU On-Line - Para Lacan, ser pai é uma função. O que acontece se essa função não for cumprida? Que tipo de lacuna aparece nesse sentido?

Mario Fleig - Se a função paterna, segundo Lacan, exerce um efeito pacificador e civilizador à medida que fornece ao sujeito uma defesa contra a demanda materna onipotente e absoluta, podemos entender que a não-operação desta suscita a necessidade de organização de outras defesas. Lacan denominou de forclusão do



nome-do-pai a falha na operação da metáfora paterna e isso determinaria a organização do sujeito na psicose. A forclusão desse significante primordial se observa por seus efeitos no dizer do sujeito, sendo que a cadeia falada se apresenta sem limites e sem vetorização, com uma amarração frágil da cadeia significante e sua relação com o significado. Precisamos diferenciar a psicose de outra forma de desorganização psíquica grave, que é o autismo ou melancolia infantil. Na melancolia infantil, temos não apenas uma falha na inscrição do significante paterno, mas uma não-possibilidade de operação da própria função materna. A mãe, o Outro primordial para o bebê, fracassa em tornar seu bebê um sujeito, seja porque ela mesma não se encontra em condições de pulsionar seu bebê, seja porque seu bebê, por alguma razão, não responde aos apelos maternos, mesmo que insistentes e oportunos.

Mas podemos considerar outros efeitos da insuficiência da operação da função paterna, que não chegam a caracterizar a psicose. Se considerarmos as crianças e os jovens privados socialmente, carentes do investimento psíquico requerido para completar a subjetivação, nos quais se torna patente uma carência da função do pai simbólico, podemos entender que a aquisição das insígnias fálicas que os autorizaria em um lugar de gozo se-

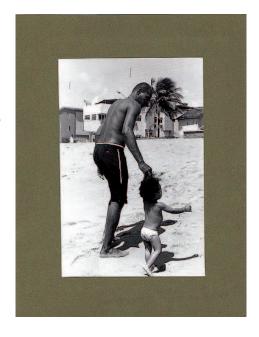
xual não tem outra caminho senão a violência e a delinqüência.

IHU On-Line - Quais as conseqüências de uma sociedade sem pai? Precisamos realmente de pai?

Mario Fleig - Ainda não sabemos muito bem o que poderia ser uma sociedade sem pai. Podemos levantar algumas hipóteses, considerando que a função paterna situa a instância da Lei e ao mesmo tempo autoriza o gozo sexual delimitado pela linguagem, ou seja, que não seja sem limites e assim não seja mortífero. Segundo os avanços da biologia, já temos no horizonte as formas de reprodução humana que dispensa o sexo, e, portanto, dispensa o pretenso pai. Contudo, ainda não sabemos suficientemente sobre os efeitos psíquicos da reprodução humana mediada pela tecnologia e menos sujeita às contingências do desejo e do sexo. Então, o abandono da referência paterna e de sua autoridade teria que efeito? Ora, já temos indícios, ao longo da história, que a derrubada de uma autoridade suscita o retorno da outra autoridade, e em geral, muito mais vigorosa e violenta. Por que isso? Parece que a queda de toda referência terceira, e a instauração de uma relação dual, produz uma situação de angústia que não pode ser sustentada por muito tempo. Assim, o excesso de autonomia dos indivíduos tenderia a desencadear

um apelo coletivo ao retorno da autoridade. Não seria um retorno contemporâneo de uma autoridade moral e religiosa que observamos, subseqüente e paralelo ao exercício generalizado da autoridade do objeto, na forma do consumo? Um outro efeito de uma sociedade sem pai poderia ser visto a partir do testemunho magnífico que nos deixou Schreber,11 como nos descreve Charles Melman em seu Retorno a Schreber (Porto Alegre: CMC, 2006). Trata-se dos efeitos do afastamento das leis da linguagem e do reconhecimento da referência simbólica demarcada pela instância paterna. O retorno a Schreber indica sua atualidade dentro da nova economia psíquica, na qual a feminilização passa a fazer parte das formas normais de identificação, tanto para um homem como para uma mulher. Schreber, que encontrava um pouco de paz se vestindo de mulher e contemplando-se em um espelho, se torna o nosso ancestral, ao aceitar, de algum modo, o lugar que a linguagem organiza para aquele que não está inteiramente tomado pela lei paterna, que então é um psicótico, quer dizer, que é o lugar de uma mulher, por estar, em parte, não submetida à Lei.

IHU On-Line - Qual a influência da forte entrada da racionalidade moderna na vida dos sujeitos para a questão da "desautorização" da função paterna? Mario Fleig - A ciência moderna, pela invenção do campo unificado do objeto e pela reducão da verdade à verificação de ser valor em relação a um referente empiricamente dado, levou, no âmbito das relações sociais, a um forclusão do sujeito da enunciação. Ora, o pai, como está posto nos modelos culturais prémodernos, é uma conjectura, um suposição, ao passo que a mãe sempre é certa. Deste modo, a ciência moderna, em seus efeitos sociais, determina modos de operação que descartam, em seu cálcu-



"A função paterna,
como função
interditora, exerce um
efeito pacificador e
civilizador"

lo, as incertezas próprias da subjetividade e assim realizam uma crítica radical dos fundamentos tradicionais da verdade, calcada classicamente nas figuras paternas, como Deus, o rei, o mestre, o pai patricarcal etc. Em outras palavras, acompanhamos, na passagem do modelo tradicional para o modelo moderno, um deslocamento do lugar da autoridade. Se antes esta se situava nos representantes da figura do pai, agora a autoridade se funda na positividade do enunciado científico, passível de verificação. Assim, de fato, vemos a racionalidade moderna desalojar o lugar da autoridade paterna. Com isso, não estamos tecendo uma crítica à ciência moderna, mas considerando seus efeitos sociais e subjetivos, ou seja, aquilo que constitui o laço social determinado pelo modo de operação da ciência, o que denominamos, seguindo

Lacan, de discurso da ciência (considerando que discurso significa aquela articulação que permite haver laço social e a ciência como ciência não viabiliza laço social, ou seja, não podemos estabelecer socialidade apenas com os enunciados da física newtoniana ou com a matemática fregeana). Então, a progressiva substituição da função paterna pelos modos de operar do discurso da ciência e seus corolários, como a exclusão do sujeito da enunciação, significa a entrada da racionalidade da ciência moderna, que se organiza na autoridade de um conjunto de enunciados acéfalos, isto é, que dispensa quem o enuncia na vida cotidiana. Em outras palavras, a autoridade tende a se deslocar da pessoa que enuncia e que banca algo, no próprio ato de fala, para o funcionamento sem sujeito de um conjunto de enunciados justificados. Quando um pai ou uma mãe querem exercer sua benéfica autoridade sobre o filho, este pede as razões do que é dito, ou os próprios pais o remetem para outro lugar, para a justificação do que dizem, ou para outra instância, a autoridade que poderia autenticar o enunciado. Trata-se, na prática, de uma crescente desautorização da função paterna. São pais que se demitem do exercício de sua função, e essa demissão é veiculada no modo de se endereçar a seu filho.

IHU On-Line - Quais são as consequências de pais que têm um discurso impessoal, justificado por enunciados e não por eles enquanto sujeitos?

Mario Fleig - A demissão dos pais de sua função de autoridade em relação aos filhos tende a produzir perturbações graves nestes. Muitas vezes, o filho faz de tudo para provocar a autoridade paterna nos pais. É aquilo que já se dizia antigamente: "essa criança está pedindo para apanhar." Se a criança não encontra um adulto que lhe faça objeção, que a proíba de alguma coisa, que lhe diga que há limites, e, muito mais do que isso, que lhe indique que há impossibilidades, não apenas para a criança, mas também para o adulto, ela terá no mínimo duas saídas: irá procurar na vida real onde se encontra o limite e o impossível, e neste caso poderá facilmente ultrapassar o limite e encontrar a morte; ou então ela ficará perdida

¹¹ Daniel Paul Schreber (1842-1911): juiz alemão, presidente da corte de apelação de Dresden. Na obra Memórias de um doente dos nervos (São Paulo: Paz e Terra, 1995), considerado um dos livros mais influentes na história da psiquiatria e da psicanálise, ele faz a narrativa de todo o seu processo psicótico ao ser internado numa clínica du Universidade de Leipzig. Ao tomar conhecimento dessas memórias, em 1911, Sigmund Freud transformou-as em objeto de um dos grandes estudos existentes sobre paranóia. (Nota da IHU On-Line)



em sua organização especial e temporal, ou seja, entrará no que constitui uma perturbação infantil generalizada na atualidade, isto é, se tornará uma criança hiperativa, hipercinética, ou, como se diz hoje, terá transtorno de déficit de atenção.

Abrandando os conflitos

Um dos efeitos mais notáveis do deslocamento da autoridade e da demissão dos pais de sua função se reflete no abrandamento generalizado dos conflitos. Não é mais possível haver conflitos dentro da família, entre o casal, entre os pais e os filhos e entre os irmãos. Oual a consequência do evitamento dos conflitos na vida cotidiana de nossos dias? Umas das diversas consegüências da crescente impossibilidade de haver conflitos com o outro é o ressurgimento de um ódio sem mediações, como depreendemos das lúcidas hipóteses sobre a violência e o ódio contemporâneos propostas por Jean-Pierre Lebrun, 12 em O futuro do ódio (Porto Alegre: CMC, 2008). Dada a mutação do regime simbólico, na qual o gozo não se apresenta mais da mesma maneira e o fato de que o lugar da exceção (o chefe, o pai, o mestre, o presidente, o rei, o deus etc.), que permitia o efetivo reconhecimento coletivo da legitimidade de cada sujeito, já não é mais evidente, entramos em novas formas de ódio e de violência. O ódio, mais do que um sentimento ou uma manifestação de explosão violenta, é um fato de estrutura: temos ódio pelo fato de falarmos; assim poderia ser enunciada a afirmação freudiana de que o indivíduo é um inimigo da civilização. A civilização nos impõe sempre um gozo a menos, uma falta, uma restrição, e a isso respondemos com ódio. A questão decisiva, então, é o que fazemos com esse ódio que nos habita pelo fato de estarmos inseridos na linguagem? Quais os destinos do ódio? A quem odiamos? Ora, Lebrun propõe que na atualidade encontramos novas formas de evitar o

ódio, determinando então seu retorno em sintomas novos e inusitados. Se a presença efetiva do outro dá origem a nosso ódio, também acontece sem a sua presença. Nesse caso, seria determinado pelos vestígios de que o outro nos atingiu, pelo menos uma vez, determinando um traumatismo perenizado. Encontramos hoje soluções de convívio que de antemão impediriam o aparecimento de qualquer conflito no encontro com o outro: desde o recurso de colocar uma televisão em cada quarto, de modo que não haja mais discussão entre os pais e os filhos sobre que programa assistir no horário em que a família estaria reunida, até a modalidade de laço conjugal no qual o outro é a peça menos duradoura, substituída ao primeiro atrito. O evitamento do ódio, nesses casos, se faria por meio de uma espécie de forclusão do encontro, determinando um modo de viver juntos, mas sem outrem. Agui se situaria, então, uma gradativa e generalizada deterioração da consistência do outro, tanto do semelhante quanto do Outro como lugar marcado pela falta. A crescente inviabilidade do encontro com o outro produziria então a deterioração das condições de aparecer o conflito e sem conflito não haveria como o sujeito aprender a temperar seu ódio, ou seja, encontrar meios de dialetizar e domesticar sua força selvagem. Uma criança que não aprende a lidar com seu ódio no seio familiar, guando for confrontada com uma diferença conflituosa no social, facilmente tenderá para respostas explosivas, com a irrupção de formas de ódio que não encontram limites. Se tiver uma arma ao alcance da mão, não vacilará em fazer uso da mesma para resolver seu conflito com o semelhante.

IHU On-Line - Se, para Lacan, o sujeito se constrói na sua relação com o outro, como podemos pensar a sociedade de indivíduos autônomos, que constroem uma sociabilidade "virtual", isolados, dentro de seus quartos?

Mario Fleig - Esta pergunta nos remete diretamente para a discussão dos efeitos sociais e subjetivos do advento do mundo virtual. Sabemos, a partir de pesquisa no campo da neurologia, que o cérebro é absolutamente permeável aos estímulos do ambiente. O que as formulações mais recentes das neurociências afirmam é que o ser do homem se constitui a partir do suporte biológico, altamente permeável aos ordenadores a que está submetido de modo histórico e contingente. Greenfield,13 eminente professora de farmacologia da Universidade Oxford, desenvolve pesquisas sobre a neurológica da consciência e postula o alto potencial de vulnerabilidade do cérebro às novas tecnologias, dada a permeabilidade do mesmo às condições ambientais. Como diretora do Institute for the Future of the Mind, pesquisa o paralelo entre o cérebro das crianças pequenas e jovens e o dos adultos, e como são vulneráveis à tecnologia, à manipulação química e ao ambiente. Através de seus estudos, ela detecta que as crianças expostas ao mundo virtual desde muito cedo começam a ter necessidade de aulas especiais de comunicação, pois não aprenderam a interagir de modo interpessoal, e, mais do que isso, as pessoas tendem a se tornar assexuadas. Postula, então, que o impacto do computador, ao ser usado desde muito cedo pelas crianças, afeta de forma profunda a maneira de pensar e agir, produzindo desordens na atenção e na motricidade, incapacidade de distinguir entre informação e conhecimento. Assim, para ela, o computador não é apenas uma ferramenta, mas determina a estrutura de conhecimento de seus usuários, tendo impacto enorme nas crianças que estão em formação, visto que o cérebro de uma criança é muito permeável e vulnerável.

Uma nova condição humana

Sendo assim, postulamos que o advento do mundo virtual tem alto impacto na constituição de uma nova condição humana. E isso justifica que tenhamos que refletir sobre o que constitui o mundo virtual e quais os impactos que produz, ou seja, em que consiste a nova subjetividade que se

¹² Jean-Pierre Lebrun: médico psiquiatra e psicanalista belga. É membro da Associação Freudiana da Bélgica. Lebrun discute questões atuais como a possibilidade de um inconsciente cada vez mais coletivo e de um espaço privado cada vez mais público, onde afetos e representações são cada vez mais socializados. (Nota da IHU On-Line)

¹³ GREENFIELD, S. The Human Brain: A Guided Tour. London, Orion-Phoenix Press, 1997; Tomorrow's People: How 21st Century Technology Is Changing the Way We Think and Feel. London, Penguin, 2003; Private Life of the Brain. London, Penguin, 2000. (Nota do entrevistado)



organiza, seus impasses, e o que caracteriza a nova socialidade que lhe corresponde. Ora, a entrada no mundo virtual foi acompanhada da grande revolução biológica, determinante do ato de possível dispensa do pai nos processos de reprodução e fecundação. Levantamos a hipótese de que essas duas revoluções determinam uma acelerada passagem do modelo trinitário de organização e estruturação da condição humana para a prevalência do modelo binário. À luz dessa hipótese, poderíamos examinar fenômenos emergentes na subjetivação da geração submetida à ferramenta digital, assim como fenômenos emergentes no campo social. Se antes o ordenamento social e subjetivo se fazia a partir da referência a uma função operada por um terceiro, nomeado como sendo o pai e seus representantes, que tanto determinava a fonte do interdito (a Lei) quanto assinalava o lugar a ser ocupado por cada sujeito, fundando o desejo e o acesso a um gozo limitado, agora não há nenhuma instância ou programa que aponte para a Lei, mas apenas um convite veiculado pela economia liberal, que parece homogêneo com o progresso da biologia no campo da reprodução, para que cada um goze sem limites. O ciberespaço coloca cada internauta frente ao sem limites do hipertexto, em uma relação binária com a tela à sua frente. É ao que também assistimos nas apresentações de trabalhos com o uso da ferramenta digital, quando o interlocutor do conferencista não é mais o público, mas a tela virtual que comanda sua exposição. Instala-se uma nova economia psíquica, na qual se dispensa o pai, assim como a linguagem cotidiana e a função da fala. Seria possível e viável a subjetivação e o laço social passarem a estar ancorados em relações duais, segundo um modelo binário? Não seria uma decorrência do incremento das relações duais o afluxo crescente de violência que se derrama na vida cotidiana, assim como a inflação da paranóia social, na qual o cidadão se sente cada vez mais acossado por ameaças de catástrofes iminentes, sejam oriundas da natureza ou de poderes de grupos e organizações, frente às quais não há nenhuma instância a quem recorrer?

Lacan (2003), em seu artigo de 1938 sobre "A família", como já dissemos acima, havia enunciado a tese do declínio da imago social do pai e o deslocamento da autoridade como determinante das patologias de nossa cultura, decorrente da entrada em operação do discurso da ciência e seus corolários, como a exclusão do sujeito da enunciação.

A forclusão do nome-do-pai

E isso ele descreve como sendo a forclusão do nome-do-pai, ou seja, um discurso no qual não está em operação a referência ao terceiro, o que impede as operações de substituição e deslocamento na fala do sujeito. Os efeitos da ausência da operação da função paterna aparecem na fala e nos modos como se dá o enderecamento ao outro. Poderia ser, então, alguém que fala sem conversar, ou seja, alguém que está situado na linguagem, mas não consegue operar com o terceiro em sua fala e, então, fica colado no discurso da certeza. Este é um modo de aparecer uma torção no discurso, com a entrada de uma progressiva impessoalização. Fala-se, mas já não se sabe mais quem fala e para quem se fala. É interessante ver se esta hipótese permite uma leitura dos sintomas que emergem na contemporaneidade.

Uma nova subjetividade e um novo laço social

Acompanhamos a progressiva impessoalização do discurso, a crescente instrumentalização das relações, aliada à velocidade da substituição dos artefatos (o instantâneo, a obsolescência programada, o descartável), a desresponsabilização em relação ao outro e a si mesmo, a progressiva queda da consistência do outro e da relação com ele, a equiparação entre o objeto de consumo, rapidamente descartável, e a pessoa de meu semelhante, a dissipação da intimidade e da privacidade, o surgimento de corpos angelicais deserotizados, inodoros, assépticos etc., a desconexão entre sexo, erotismo e amor? O ciberespaço e a cibercultura são os culpados de tudo isso? Não é o que pensamos, mas temos que convir que um novo mundo, uma nova subjetividade e um novo laço social estão se configurando com o advento da revolução digital, por certo maravilhosa e irrecusável, devido à gama incalculável de benefícios que nos oferece. Pensar e conceituar o que constitui o mundo digital e encontrar modos pertinentes de nos situarmos em relação ao mesmo tem sido nossa pretensão. Ou seja, o virtual, organizado na lógica binária e na capacidade de acumular informações, requer uma análise crítica séria, assim como a promessa que apresenta, para que não sejamos tomados na dupla armadilha de que somos nós que comandamos o objeto virtual, como todos os outros objetos de consumo, e estamos na posição do sujeito que se crê não assujeitado a nada, ou seja, crê que não deve nada.

BAÚ DA IHU ON-LINE

- >> Sobre o tema da paternidade e das mudanças na estrutura familiar confira também, no site www.unisinos.br/ihu:
- * A Família em Desordem. IHU On-Line número 58, de 05-05-2003:
- * *Gênero, família e religião.* **IHU On-Line** número 114, de 06-09-2004;
- * O pai desautorizado: desafios da paternidade contemporânea. IHU On-Line número 150, de 08-08-2005:
- * Ainda precisamos de pai? Da paternidade para a parentalidade. IHU On-Line número 230, de 06-08-2007;
- * Violência intrafamiliar e de gênero. IHU On-Line número 255, de 22-04-2008.

LEIA MAIS...

>> Confira outras entrevistas concedidas por Mario Fleig. Acesse nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu

Entrevistas:

- * As modificações da estrutura familiar clássica não significam o fim da família. Edição número 150, de 08-08-2005, cujo tema de capa é *O pai* desautorizado: desafios da paternidade contemporânea;
- * Freud e a descoberta do mal-estar do sujeito na civilização. Edição número 179, de 08-05-2006, cujo tema de capa é Sigmund Freud. Mestre da suspeita;
- * *O declínio da responsabilidade*. Edição número 185, de 19-06-2006, cujo tema de capa é *O século de Heidegger*;
- * O delírio de autonomia e a dissolução dos fundamentos da moral. Edição número 220, de 21-05-2007, cujo tema de capa é O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos?;
- * "Querer fazer o mal parece algo inerente à condição humana". Edição número 265, de 21-06-2008, cujo tema de capa é Nazismo: a legitimação da irracionalidade e da barbárie.



O pai continua sendo necessário?

Philippe Julien fala da função do pai e da sua importância ao fazer com que a criança entenda a "separação" entre mãe e filho, evitando o incesto

POR GRAZIELA WOLFART

is o que traz o pai: a capacidade de o indivíduo deixar as suas origens para fundar uma nova família. E de tornar-se uma mãe, se for menina, e um pai, se for menino. Ou seja, ele significa a separação para que se funde uma nova família." A opinião é do psicanalista francês Philippe Julien, em entrevista concedida por telefone à IHU On-Line. Ele ressalta a importância do pai para a questão da liberdade e da independência da criança em relação à mãe e destaca ainda que "o nascimento da modernidade em vários países fez com que o pai no imaginário tenha perdido força e capacidade de sedução". O psicanalista e escritor Philippe Julien foi membro da École Freudienne de Paris. Atualmente, é membro da Lettre lacanienne e do Centre de recherche en psychanalyse et écritures. É autor de, entre outros, O manto de Noé — Ensaio sobre a Paternidade (Rio de Janeiro: Revinter, 1997) e Abandonarás teu pai e tua mãe (Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000).

IHU On-Line - A partir de Lacan, o que é ser um pai? Que papéis e tarefas designam essa função?

Philippe Julien - Lacan inventou três denominações ou dimensões para designar o que é ser pai. Primeiramente o simbólico, em segundo lugar o imaginário e, em terceiro, o real. O pai, no plano simbólico, se refere à paternidade como uma terceira posição entre a mãe e o filho. É uma posição instituída pela mãe enquanto mulher, cujo objeto de desejo é o pai. Então, esse é o pai no sentido simbólico, instituído pela mãe que deseja um homem. Este, por sua vez, existe gracas à palavra da mãe. Ela transmite ao filho que é a mulher daquele homem, que ela chama de pai, na linguagem. A segunda dimensão da paternidade é o pai no plano imaginário. Ele vem do filho ou da filha, da criança. Refere-se ao pai como imagem, imagem forte, grandiosa, majestosa, que tem uma força de sedução e de atração. Este é o pai como imagem, imagem de homem. Ele existe no imaginário gracas

a esta atração da criança pelo seu pai. Não estamos falando do pai biológico, mas da imagem que o pai mostra em sua vida, privada e social. Lacan, então, inventou o pai no plano real. Este vem de um homem que, em geral, é o pai das criancas na família. O pai, no sentido real, é um homem na condição de desejante, desejando uma mulher, em geral a mãe. Então, temos três dimensões: na dimensão do simbólico, o pai vem da mãe; na dimensão do imaginário, o pai vem da criança; e, na dimensão do real, o pai vem de um homem, que tem por objeto de desejo uma mulher.

IHU On-Line - O senhor percebe um possível declínio da função paterna? Philippe Julien - Um declínio? Não. Impossível. Há um declínio do ponto de vista jurídico e político, mas não do ponto de vista psicanalítico, no sentido de transmissão à criança, à geração seguinte. O pai ainda tem a mesma importância. O declínio pode vir apenas da sociedade civil e política. Por exemplo,

em caso de divórcio, as crianças ficam sob a guarda da mãe. E o pai vai cada vez menos ao encontro de seus filhos. Neste caso há um declínio, mas é jurídico. Mas, no âmbito privado, ou seja, do inconsciente, não há declínio. Ou seja, o pai continua sendo necessário por, e em razão do complexo de Édipo.1 Esta é a invenção de Freud. Para que a criança não seja incestuosa e que ela se separe de sua mãe, ela precisa de um pai que a separe de sua mãe. Ela se torna um filho capaz de se separar de seus pais. Seja ela um menino ou uma menina, pouco importa. Ou seja, o Édipo que Freud inventou é ainda atual.

¹ Segundo Sigmund Freud, o Complexo de Édipo verifica-se quando a criança atinge o período sexual fálico na segunda infância e dá-se então conta da diferença de sexos, tendendo a fixar a sua atenção libidinosa nas pessoas do sexo oposto no ambiente familiar. Freud baseou-se na tragédia de Sófocles Édipo Rei, chamando Complexo de Édipo à preferência velada do filho pela mãe, acompanhada de uma aversão clara pelo pai. Na peça (e na mitologia grega), Édipo matou seu pai Laio e desposou a própria mãe, Jocasta. Após descobrir que Jocasta era sua mãe, Édipo fura os seus olhos e Jocasta comete suicídio. (Nota da IHU On-Line)



"A capacidade de deixar suas origens vem do pai"

IHU On-Line - Como o pai pode encarnar um agente de salvação?

Philippe Julien - O pai é sempre necessário para salvar uma criança, para que ela cresça. Como eu disse, a primeira função salvadora é a de que a criança não seja incestuosa, que ela se separe de sua mãe. Isto se dá graças ao pai. O que é absolutamente necessário. A criança, menino ou menina, não crescerá se continuar submetido/submetida à sua mãe. E isso é salvador, é o que se chama "a posição terceira", contra a dualidade criança/ mãe. O pai transmite à criança o nascimento do desejo de tal forma que um dia ela será capaz de deixar seus pais e de se casar com um estranho da família. A capacidade de deixar suas origens vem do pai.

IHU On-Line - Qual o papel do pai na formação do sujeito em relação às incertezas e angústias?

Philippe Julien - Diante da angústia da ausência da mãe, que não está sempre presente, o pai ensina à criança o poder se separar de sua mãe, de poder viver sem ela. O pai lhe ensina a liberdade. Falo agui da liberdade em relação à mãe. Se não há esta transmissão pelo pai, a criança vive na angústia da alternância da presença e da ausência da mãe. A mãe é tanto presente quanto ausente. Por quê? Bem, não há resposta. E essa é a angústia. Para superá-la, é preciso que o pai lhe ensine a independência. A mãe é, primeiramente, a mulher de um homem. Ela não é toda mãe, cem por cento. Se esta mulher é mãe cem por cento, então a criança será uma pessoa psicótica.

IHU On-Line - Em que medida a necessidade de pai pode se transformar pela correlação entre Deus e pai? Philippe Julien - Sim. Ela pode se transformar, é claro. Pois Deus é chamado de pai. Mas, veja bem, somente no cristianismo Deus, o Deus dos Evangelhos, Deus da encarnação, é o filho. É Jesus Cristo. Foi Jesus quem nos salvou. Não é somente o pai. É o filho. Então, não se pode identificar Deus a somente um pai. Deus é trinitário: Pai, Filho e Espírito. E a nossa salvação vem do filho, Jesus Cristo, e não do pai. Eis a diferença do pai humano. Há uma diferença fundamental. É que o filho é Deus, como o pai divino.

"O pai ensina à criança o poder se separar de sua mãe, de poder viver sem ela. O pai lhe ensina a liberdade"

IHU On-Line - O que é para um filho/filha ter um pai?

Philippe Julien - Quer dizer que ele não é incestuoso, que não está ligado unicamente à mãe por uma satisfação incestuosa, que a mãe não é o seu objeto de satisfação. Seu objeto de satisfação será de encontrar, graças ao pai, fora da família, encontrando um homem ou uma mulher vindos de uma outra família. E isto terá por conseqüência, por exemplo, um casamento. Insisto: fora da família. Eis o que traz o pai: a capacidade de o indivíduo deixar as suas origens para fundar uma nova família. E de tornar-se uma mãe, se for menina, e um pai, se for menino. Ou seja, ele significa a separação para que se funde uma nova família.

IHU On-Line - Em que sentido a pa-

ternidade se torna uma questão política e religiosa?

Philippe Julien - A paternidade varia segundo a cultura. Nas sociedades tradicionais, por exemplo, ou nas sociedades monárquicas, nas quais o rei é o chefe político, evidentemente o pai está no imaginário. Dá-se a ele uma imagem de força e de "todo poderoso". Mas, com o nascimento da democracia, o pai não é um rei. O pai é um cidadão como os outros. Ou seia, o nascimento da modernidade em vários países fez com que o pai no imaginário tenha perdido força e capacidade de sedução. A passagem à democracia é a queda da realeza. Essa é a modernidade do século XX.

IHU On-Line - Quais são os maiores desafios que os pais e filhos contemporâneos precisam enfrentar?

Philippe Julien - Há muitos desafios. Há, primeiramente, a capacidade de realizar os estudos escolares e profissionais, para obter uma profissão na sociedade. Há um segundo desafio, que é o encontro com amigos masculinos e femininos vindos de uma outra família. Ou seja, o lazer. Este é um desafio muito importante. E, depois, um terceiro desafio, quando os pais são idosos e doentes, é de ajudá-los a viver e a não se desesperar. Quando os pais chegam a uma idade avançada eles ficam doentes. É um desafio para os filhos, que agora são grandes, de ajudar seus pais a viverem e a não ficarem desesperados.

IHU On-Line - E na relação entre um pai e um filho, por exemplo, nesta relação paternal, o senhor acha que há outros desafios importantes?

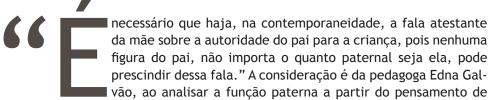
Philippe Julien - Sim. Um deles é o desafio de poder tomar uma decisão importante sem ter a autorização do pai. De ser capaz de decidir sozinho. É um desafio importante. A decisão solitária na existência. Sem ter todo o tempo a aprovação do pai.



A função paterna autorizada pela mãe

Para Edna Galvão, o sujeito com muitos conflitos emocionais e existenciais sofreu a falta da lei paterna inscrita em seu psíquico

POR GRAZIELA WOLFART



Lacan. Em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, ela ainda afirma que "ter um pai, para um filho, passa pela sensação de se sentir amado e tocado afetivamente por esse homem, de receber proteção física, recursos materiais, cuidados e atenção, fatores que contribuem para a formação de seu caráter e de sua identidade. Esse pai o educou com base na ética, no afeto e no respeito e oportunizou, desta maneira, a este filho, uma vida física, psíquica e emocionalmente equilibrada, dando-lhe condições de sair da posição de objeto do gozo do outro, para ser sujeito de sua própria história e, no rodar do ciclo da vida, saber, um dia, passar de filho a pai".

Doutoranda em Memória Social na Unirio, Edna Galvão é mestre em Educação, pela mesma instituição, com a dissertação intitulada Ser pai hoje: uma conexão entre educação e psicanálise. Ela ainda possui graduação em História, também pela UniRio, e em Pedagogia, pela Faculdade de Educação Jacobina. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente com os seguintes temas: educação, subjetividade, paternidade e família, memória e criação.

IHU On-Line - Em que sentido a concepção de paternidade a partir de Lacan contribui para o entendimento da figura do pai na contemporaneidade? Que lugar a figura do pai ocupa hoje na sociedade?

Edna Galvão - Lacan parte de uma concepção de família para pensar o pai e o coloca como simbólico, sendo a paternidade decorrente de uma função social, mais importante do que a paternidade biológica. Segundo Lacan, é o Nome-do-Pai que cria a função do pai. Como este não é uma figura, e sim uma função, é através da estrutura da linguagem que a transmissão é possível. É o Nome-do-Pai que dará significação à criança, a partir do significante do desejo da mãe, de que ele tem o que falta nela: o falo simbólico. A

emergência do pai enquanto metáfora pura e simples não deixa de subsistir como a única investidura estruturante para a criança, e, se o recalque originário não se dá (o falo como objeto imaginário do desejo da mãe passa para o nível significante do desejo do Outro), todo o processo da metáfora do Nome-do-Pai é comprometido e até mesmo fracassado, pondo em dúvida a questão paterna para o filho. É necessário que haja, na contemporaneidade, a fala atestante da mãe sobre a autoridade do pai para a criança, pois nenhuma figura do pai, não importa o quanto paternal seja ela, pode prescindir dessa fala.

IHU On-Line - O que é para um filho/ filha ter um pai? O que faz com que

um sujeito diga que tem ou teve um pai?

Edna Galvão - A psicanálise está diretamente relacionada com a possibilidade dada a cada um de dizer, a posteriori, em que medida teve ou não um pai. Lacan formula o Nome-do-Pai (conceito relativo ao conceito de lei, aquilo que coloca limite para os sujeitos) e a metáfora paterna. Para que um sujeito diga que tem ou teve um pai, é necessário que, enquanto sujeito, tenha sido inscrito em sua constituição o significante do Nome-do-pai pelo corpo de um pai sustentando a função paterna. O que é para um filho ter um pai passa pela sensação de se sentir amado e tocado afetivamente por esse homem, de receber proteção física, recursos materiais, cuidados e



"Existe nos seres humanos um anseio pelo pai que lhes dê o contorno da vida, que lhes projete na cultura e que também supram a necessidade da autoridade e da lei"

atenção, fatores que contribuem para a formação de seu caráter e de sua identidade. Esse pai o educou com base na ética, no afeto e no respeito e oportunizou, desta maneira, a este filho, uma vida física, psíquica e emocionalmente equilibrada, dando-lhe condições de sair da posição de objeto do gozo do outro, para ser sujeito de sua própria história e, no rodar do ciclo da vida, saber, um dia, passar de filho a pai.

IHU On-Line - Qual a influência do pai (na concepção de Lacan) para a formação de sujeitos sem os tantos conflitos emocionais e desafios existenciais, comuns hoje, na cultura contemporânea da fragmentação e da globalização?

Edna Galvão - Penso que o sujeito com muitos conflitos emocionais e existenciais sofreu a falta da lei paterna inscrita em seu psíquico — a inscrição do em Nome-do-pai -, que retira o filho da simbiose com a mãe, permitindo ao filho adequar-se às leis da cultura e da linguagem, em direção ao social. Atualmente, e principalmente, na sociedade contemporânea, existe nos seres humanos um anseio pelo pai que lhes dê o contorno da vida, que lhes projete na cultura e que também supram a necessidade da autoridade e da lei. No entanto, como o homem, por ser humano, no exercício da função paterna pode cometer falhas, a função paterna também pode apontar falhas. Reflexos dessas falhas acontecem no meio social, onde o declínio do Nomedo-Pai, e a consequente indulgência às leis, produzem alternativas de formação de grupos que não interessam à sociedade.

IHU On-Line - A falta de pai ou um pai que não cumpriu com sua função pode ajudar a explicar o mal-estar da civilização nessa atual época de crises: crise familiar, crise política, crise ética?

Edna Galvão - A falta de pai ou um pai que não tenha cumprido com sua função ajuda a explicar um pouco essas crises, na medida em que não tenha havido outra pessoa (a função paterna, ou seja, o exercício da lei e da autoridade, pode ser exercida pela mãe na ausência do pai, ou pelo avô, tio etc.) a exercer a função paterna e, por conta disso, o filho não conseguir se enquadrar adequadamente à cultura. O declínio da função paterna, dentro da reflexão social, faz com que o Estado tome o lugar do pai. Em relação ao cumprimento dessa função, pensamos que um filho tem necessidades básicas que precisam ser atendidas não apenas no que diz respeito ao registro da lei, à moradia, à alimentação e saúde, mas também e, principalmente, às suas demandas afetivas, permitindo assim que suas subjetividades sejam estruturadas de maneira saudável.

IHU On-Line - A senhora afirma, em artigo disponível na internet, que "a queda do patriarcado é uma das dificuldades que o homem moderno está enfrentando" e que essa "é uma questão relevante para a subjetividade masculina". Em que sentido isso afeta no cumprimento da função paterna a partir da concepção lacaniana?

Edna Galvão - O desenvolvimento humano é produto da interação entre os fatores biológicos, ambientais, psicossociais, culturais e econômicos que permeiam a realidade e a singu-

laridade de cada indivíduo. As mudancas socioculturais e econômicas produzidas desde que a mulher, em busca de outras realizações pessoais e profissionais, saiu do mundo privado para o mundo público, têm afetado o exercício da função paterna pelo pai. O homem vive fragmentado entre o que é, o que quer ser e o que deve ser. Com o equilíbrio familiar rompido, o pai contemporâneo, de alguma forma, deve buscar exercer a função paterna sabiamente. Para que o pai ocupe um lugar, é necessário que este exista na estrutura e para o cumprimento da função paterna, dentro da concepção lacaniana, é preciso que a mãe permita que se origine no filho o Nome-dopai, o que vai afirmar sua autoridade e sustentar suas subjetividades.

IHU On-Line - O que faz parte das subjetividades do "ser pai" hoje?

Edna Galvão - As subjetividades são constituídas pela interioridade - eu, isso e supereu -, pelas instâncias psíquicas, e pelas relações sociais privadas e públicas que o homem vivencia no seu dia-a-dia. Hoje observamos uma mudança radical na maneira de o homem educar e se relacionar com os filhos: pais exercem outras funções no auxílio aos cuidados domésticos e da criança. O poder atribuído hoje, à mulher, por vezes, tem reduzido a figura paterna a uma presença sem muita importância, seja no comando da casa e na divisão de despesas, seja na hora do planejamento familiar no que se refere à concepção. Esses fatores produzem novas e diferentes subjetividades no ser-pai atualmente. Apesar disso, o homem atual, como introdutor da lei e promotor da cultura para os filhos, não pode ignorar as variadas formas de males que permeiam a sociedade contemporânea: a indiferença, a violência, a delingüência, a toxicomania, o terrorismo e a massificação de nossas singularidades, com profundas e sérias preocupações para a formação das novas gerações.

IHU On-Line - Quais são as principais preocupações que os pais de hoje têm em relação a seus filhos?

Edna Galvão - Ser pai hoje é talvez mais difícil do que o foi ontem. Po-



rém, o ser-pai exige uma profunda preocupação no que se refere ao desenvolvimento dos filhos, em virtude das várias "necessidades" de consumo da dinâmica e competitiva sociedade contemporânea. A preocupação hoje é maior do que antes porque as estatísticas da violência, do vício e do tráfico estão aumentando nas grandes cidades. Para reduzir esses riscos, no entanto, é fato que a efetiva presença dos pais, no exercício da função paterna, dentro dos pressupostos de que se uma crianca é amparada, recebe afeto e tem suas necessidades básicas garantidas, levará os filhos a crescerem de maneira saudável e feliz e a permanecerem longe de engrossar essas estatísticas.

IHU On-Line - Qual a relação que se dá entre o papel do pai e o ensino da ética?

Edna Galvão - A psicanálise, para Lacan, é uma ética, uma experiência da ordem da subjetivação, referenciada ao desejo e ao gozo. Em relação à ética social, o pai, no exercício da função paterna, percebe que um dos valores que o paradigma vigente estabelece é a concepção de vida em sociedade como uma luta competitiva pela existência, além da crença de um progresso ilimitado a qualquer custo. A importância da ética se dá na justa medida em que, sem ela, a maior preocupação dos pais poderia ser ensinar seus filhos a competir em um mundo regulado pela lei do mais forte, do mais ágil, do mais esperto ou do que fala mais alto, posto que é preciso aprender a viver neste mundo para vencer e obter sucesso. A partir da ética, vislumbramos um caminho novo para uma cultura paterna mais lapidada e refinada. Talvez a afirmação de que o afeto, o amor e o respeito estão em primeiro lugar, na relação entre pais e filhos, seja a primeira medida da ética paterna.

IHU On-Line - Como entender as três dimensões do pai segundo Lacan (1990): simbólico, imaginário e real, ou seja, as versões do pai?

Edna Galvão - É nas leituras de Freud que Lacan encontra os três registros do pai onde o simbólico é o que permite distinguir um do outro, já que é "As mudanças socioculturais e econômicas produzidas desde que a mulher, em busca de outras realizações pessoais e profissionais, saiu do mundo privado para o mundo público, têm afetado o exercício da função paterna pelo pai"

a função do complexo de Édipo, realidade psíquica que amarra os três. Lacan (1990) aponta a recuperação da função paterna como eixo da cura e procura uma amarração das três dimensões do pai:

- O pai simbólico: originalmente, para a criança, o pai é instaurado como Nome pela mãe. "Aquilo sobre o que queremos insistir, diria Lacan, é do valor que a mãe atribui à palavra do pai, à sua autoridade. O lugar que ela reserva ao Nome-do-pai na posição da lei." Só há verdadeira autoridade paterna quando esta for recebida de uma mulher. Para Lacan, é o Nome-do-pai, inscrito na mãe, que permite que se origine no filho o que se chama autoridade paterna. Lugar de inscrição, nesta estrutura que Freud denomina de "inconsciente" e Lacan "o grande Outro", ou seja, a ordem simbólica onde o pai tem ou não seu lugar.
- O pai imaginário: se o pai como Nome, vem da mãe, o pai como imagem vem da criança. Por volta dos cinco ou seis anos, a criança é introduzida no registro da castração pela entrada em cena da dimensão paterna e passa a se interrogar sobre ser ou não ser o falo, no momento do declínio do Complexo de Édipo e da interiorização do supereu. Cria um pai imaginário, uma imagem paterna de alta estatura e de forte status. É preciso que o pai encarne uma parte dessa autoridade, cuja origem é mais de natureza política e religiosa, do que familiar.
- O pai real: é aquele que, ao instaurar para a criança o luto do pai imaginário, lhe permite não procurá-lo em outro lugar: fora da família, no líder social, político ou religioso. O pai real

é aquele que introduz para a criança uma castração, isto é um dizer: "Não, tu não és o falo de tua mãe, nem és aquilo que a ela falta". O pai real é o agente da castração, quando instaura para a criança um anteparo.

IHU On-Line - Para Lacan, qual o papel da religião na articulação da paternidade, na invocação do Nomedo-Pai? O que permanece disso se pensarmos no pai contemporâneo? Edna Galvão - Para Lacan, a articulacão da paternidade ao pai é efeito de um puro significante, de um reconhecimento não do pai real, e sim daquele que a religião invoca como Nome-do-Pai. A civilização foi edificada na transmissão da crenca de um mito fundador da lei, por uma metáfora paterna. Na religião, isso fica muito claro na figura do Papa. Ele encarna o Deus, onipotente e onipresente, porém sua materialidade só pode ser pensada em nível da fé. Diante de qualquer tipo de desamparo, o sujeito busca esta Instância. Não há, na realidade, nada que garanta ao ser humano um lugar de proteção e amparo diante das dificuldades do dia-a-dia. A morte é uma condição humana impossível de se evitar. Porém, o sujeito continua a buscar instâncias imaginárias de proteção, uma lei que o proteja, que promova o encontro com uma ordem inscrita em seu psíquico: um Nome-do-pai, ou seja, a autoridade, a lei que preserva sua saúde mental. O pai contemporâneo deve exercer a função paterna dentro de um novo modelo: participar com a mãe de seu filho da nova estrutura igualitária de poder e hierarquia entre os gêneros.



Declínio da autoridade do pai é patente hoje

Para o professor português José Martinho, o que se designa como "crise" contemporânea da função paterna está, sobretudo, associado à sociedade de consumo

POR GRAZIELA WOLFART

m seus estudos sobre a paternidade, Lacan divide o pai em três dimensões: o pai simbólico, o pai imaginário e o pai real. Ao analisá-las, o professor português José Martinho, da Faculdade de Psicologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), de Lisboa, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, afirma que "é entre o pai real e a sua função simbólica, supostamente normalizadora da sociedade e da mente, que se inserem todas as figuras do 'pai imaginário': emblemas da identificação e ideais enaltecedores, ou degradados, que povoam nossos delírios e fantasias". E completa: "Se o que a mãe diz do pai atribui ou não valor ao nome deste, são os filhos que imaginam um pai como deve ou não ser". Psicanalista da Associação Mundial de Psicanálise e presidente da Antena do Campo Freudiano, José Martinho é professor Catedrático da Faculdade de Psicologia da ULHT, e autor de vários livros publicados em Portugal e no estrangeiro, entre os quais citamos *O que é um pai?* (Lisboa: Assírio & Alvim, 1990) e *Freud & companhia* (Coimbra: Almedina, 2001).

IHU On-Line - O senhor escreveu um livro intitulado *O que é um pai?*. Quais as conseqüências do que afirma nesta obra para a formação dos sujeitos contemporâneos?

José Martinho - O título refere-se a uma dúvida que o obsessivo de hoje ainda tem. Mas o livro é, sobretudo, um ensaio no qual, a partir de filósofos, romancistas, poetas e psicanalistas, procuro entender melhor o que leva um homem a recusar ser pai. Por exemplo, Rousseau¹ dizia adorar as crianças, mas abandonou os seus sete filhos. Demitiu-se desta responsabili-

dade porque era paranóico, e não se pode ser verdadeiramente pai quando se é psicótico. Freud tentou entender o que se passava em cada caso de psicose, neurose e perversão. Mas foi a série dos casos que o levou ao mito da paternidade. O mito é uma verdade com estrutura de ficção. O inventor da Psicanálise descobriu que esta verdade atravessava de forma velada a tragédia grega, as sociedades primitivas e a religião judaico-cristã. Recolhendo o saber inconsciente, elaborou, então, os conceitos de pai-edipiano, de paitotem (juntamente como o tabu do incesto) e de pai-monoteísta (a partir de um estudo sobre a figura histórica e religiosa de Moisés). Ele apurou que há um Outro que transcende o individual e o coletivo. Baseado na sua experiência clínica e na importância que a história das religiões e das civilizações atribui ao Outro enquanto pai, concluiu que era importante defender este, porque a humilhação e a queda do pai podem conduzir ao pior. Só que o declínio da autoridade do pai acabou por se tornar patente no mundo contemporâneo.

IHU On-Line - Em que medida o pai autoritário pode ser explicado pela concepção lacaniana de paternidade? José Martinho - Existem várias razões evolutivas e n\(\tilde{a}\) o s\(\tilde{o}\) – que podem explicar o predomínio da autoridade do pai e do homem em geral na cultura até à época de Freud. Mas, num primeiro estudo sobre a família humana (conferir "Os complexos familiares", in Outros escritos), datado dos anos 1930, Lacan anunciava já o declínio desta autoridade. Graças à Sociologia (Durkheim² e outros), ele explicava que a família humana não é uma célula natural, mas uma instituição sujeita às mudancas sociais e transformações

2 David Émile Durkheim (1858-1917): conhecido como um dos fundadores da Sociologia moderna. Foi também, em 1895, o fundador do primeiro departamento de sociologia de uma universidade européia e, em 1896, o fundador de um dos primeiros jornais dedicados à ciência social, intitulado *L'Année Sociologique*. (Nota da IHU On-Line)

¹ Jean-Jacques Rousseau (1712-1778): filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau é também um precursor do romantismo. As idéias iluministas de Rousseau, Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriam um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. (Nota da IHU On-Line).



históricas, e que estas conduziram ao declínio da função paterna e às patologias subsegüentes. As sociedades desenvolvidas quiseram esquecer ou deixar para trás o passado e, por conseguinte, as maneiras de viver, as lendas e as religiões de onde partiram. É um dos efeitos do modo de producão capitalista, da tecnociência e do conforto prometido pelo consumo. Foi este último que se tornou desde então a prioridade humana, derrubando os velhos valores, nomeadamente os da família. Lacan não era um nostálgico. Ele esforçou-se para que a Psicanálise fosse para além do mito. Para tal, distinguiu, nos anos 1950, o Simbólico, o Imaginário e o Real, como dimensões em que se tece todo o fenômeno humano. Esta distinção afetará também a concepção da paternidade.

IHU On-Line - Para Lacan, o que é um pai?

José Martinho - Parto da distinção a que já me referi. O lugar do Outro em Lacan é, antes de gualguer coisa, o da "ordem simbólica" constituída pela linguagem. Pelo menos desde Aristóteles³ que se viu na linguagem (Logos) a essência do homem ou a diferença específica do gênero humano; lembro também que a Psicanálise é uma "cura pela fala", uma talking cure (Freud via Anna O.4). Podemos, assim, entender que o "pai simbólico" é aquele que a função da palavra (falada ou escrita) situa no campo da linguagem. "Pai" é, antes de tudo, um nome. Santo Agostinho⁵ deu-lhe toda a

3 Aristóteles de Estagira (384 a C.-322 a. C.): filósofo grego, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas — por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega — acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se em diversas áreas: ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

A Bertha Pappenheim (1859-1936): líder de movimento feminista, assistente social e escritora judia austro-alemã. Ficou conhecida pelo pseudônimo Anna O., criado pelo médico e psicólogo Josef Breuer em seu livro Studies on hysteria, escrito em colaboração com Sigmund Freud. (Nota da IHU On-Line)

5 Aurélio Agostinho (354-430): Conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo. É considera-

sua importância, quando afirmou que "no nome de Deus discernia o pai que criou as coisas". O batismo e a bênção fazem-se igualmente em nome do Pai. Na terra, as metáforas proliferam: Pai santo, Pai do povo etc. O pai de Nome marca desde a presenca no apelido que os humanos colam ao seu nome próprio. O nome assim completado pelo patronímico é crucial na identificação do sujeito, como na sua identidade pessoal e social. Lacan explica, ainda, que é o "Nome-do-pai" que funda a Lei que vigora ao nível da cultura, aquela que protege dos caprichos da natureza e da sociedade. Mas o bom ou mau nome do pai depende do lugar que a mãe lhe acorda no discurso que articula o seu desejo, ou até o seu capricho. O "pai real" pode ser o pai de família, ou simplesmente o homem da mãe. Para os filhos, é tradicionalmente uma personagem castradora, desmancha-prazeres, feitora de obrigações. Foi já numa época de declínio que este pai se tornou - como gostamos de ver a mãe — um "objeto" de amor. Mas o fato do pai real ser ou dever ser o único a ter "relações" com a mãe — o objeto sexual interdito por excelência aos filhos — levanta como mistério o real do gozo. É entre o pai real e a sua função simbólica, supostamente normalizadora da sociedade e da mente, que se inserem todas as figuras do "pai imaginário": emblemas da identificação e ideais enaltecedores, ou degradados, que povoam nossos delírios e fantasias. Se o que a mãe diz do pai atribui ou não valor ao nome deste, são os filhos que imaginam um pai como deve ou não ser.

IHU On-Line - Mas o que é para um filho/filha ter um pai? O que é que faz com que um sujeito diga que tem ou teve um pai?

José Martinho - Não é a determinação biológica. O pai não pode ser reduzido ao espermatozóide, nem ao pai civil, ou de direito, caso do pai ilegítimo, legítimo ou adotivo. O que faz com que alguém consiga reconhecer que teve verdadeiramente um pai tece-se numa trindade. As três dimensões cruciais deste reconhecimento são: ter um pai de nome; ter um modelo de pai; ter

do santo pelos católicos e doutor da doutrina da Igreja. (Nota da IHU On-Line) um pai capaz de introduzir um não-saber sobre o gozo. O que resta a cada um é o sintoma.⁶ E convém lembrar que não existem homens, nem mulheres, sem sintoma.

IHU On-Line - O senhor acredita que a paternidade encontra-se em crise nos dias atuais? O que caracteriza a função paterna em nossos dias?

José Martinho - O que significa "crise", e que valor lhe dar, negativo ou positivo? Diria que, quando o pai real se ausenta, adoece ou morre, não há forcosamente catástrofe. A mãe pode muito bem exercer a sua função simbólica e alimentar o seu papel imaginário. O que ela não pode nunca ser é o pai real. O problema reside, sobretudo, aqui. Mas aquilo que habitualmente se designa como "crise" contemporânea da função paterna está, sobretudo, associado à sociedade de consumo, hoje na era da globalização. Jacques-Alain Miller⁷ e Éric Laurent disseram que a nossa época é a do "Outro que não existe", tempo favorável a um novo cinismo, em que cada um desconfia da verdade e do próximo, ou só pensa em si mesmo. Todos os meios se tornam, então, bons para atingir este fim narcísico. Por sua vez, o sintoma procura o seu gozo no consumo desenfreado. Isto tem fomentado cada dia mais o crime, e tornado a violência ilimitada, muitas vezes violência pela violência. Tudo o que fazia obstáculo à violência funciona mal, ou já não funciona. Na família era, sobretudo, o pai que assumia esta função de obstáculo, que fazia com que o sujeito não fosse além dos sintomas que Freud decifrou como girando à volta do núcleo edipiano. Mas a nossa época produz novos sintomas, distanciados deste complexo de representações familiares e muito mais próximos dos objetivos do mercado. O exemplo mais pertinente é o do tóxico-dependente, consumidor ideal por excelência, que é capaz de tudo, nomeadamente de roubar e matar, para atingir o objeto cobiçado.

⁶ Na concepção de Freud e de Lacan, sintoma se caracteriza pelo retorno da verdade do sujeito na forma do fracasso do saber. (Nota da IHIJ On-Line)

⁷ Jacques-Alain Miller: genro de Jacques Lacan e difusor da psicanálise lacaniana após sua morte. Realiza uma releitura de Lacan, assim como Lacan releu Freud. (Nota da IHU On-Line)



A condenação do pai e o declínio da clínica

O médico Marcelo Veras revela que "nos consultório observamos que, em muitos casos, o pai não orienta mais a família"

POR GRAZIELA WOLFART

uando perguntado sobre o que significa para um filho ter um pai, o médico e professor Marcelo Veras, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, afirma: "Ter um pai não significa herdar o nome, os bens, ou a lei paterna exclusivamente". A partir do pensamento de Lacan, Veras explica que o que se transmite "é o pecado do pai, ou seja, um modo de gezar, que será sempre uma transgressão dos discursos universais". Ela ainda declara, com base em sua experiência, que "a cultura moderna descobriu que o pai é uma máscara que pode ser usada por qualquer um". Marcelo Veras possui graduação em Medicina, pela Universidade Federal da Bahia, cursou mestrado na Universidade Paris VIII e residência médica pelo Hospital Universitário Prof. Edgard Santos. Atualmente, é diretor geral do Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira, médico e professor da Universidade Federal da Bahia, e professor da Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública.

IHU On-Line - Para a psicanálise e, segundo as teorias de Lacan, qual é a importância da função paterna na estruturação do sujeito?

Marcelo Veras - A função paterna passou por uma grande transformação no ensino de Lacan. Inicialmente, há o Lacan que revolucionou a teoria psicanalítica das psicoses com o termo de forclusão do Nome-do-Pai, no qual o pai, em sua função de separar o bebê do desejo mortífero materno, era uma proteção contra a loucura. Este pai, inicialmente, se assemelhava ao pai da horda primitiva freudiana. A grande mudança ocorre quando Lacan pluraliza os nomes do pai, ou seja, se afasta do Édipo e formaliza um "mais além do Édipo", no qual ele desenvolve anos de estudo procurando outras soluções, que não o Édipo, onde o sujeito pudesse se apoiar. É curioso que os críticos de Lacan, sobretudo Deleuze1 e Guat-

1 Gilles Deleuze (1925-1995), filósofo francês. Deleuze, assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bérgson, Nietzsche e Espinosa, poderosas intersecções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincenes, Deleuze atualizou idéias como as de devir, acontecimentos, singularidades, conceitos que nos impelem a transformar a nós mesmos,

tari,² quando escreveram *O anti-Édi*po (Rio de Janeiro: Imago, 1976), mas também Foucault,³ não continuaram

incitando-nos a produzir espaços de criação e de produção de acontecimentos-outros. (Nota da IHU On-Line)

2 Félix Guattari (1930-1992): psicanalista francês, pensador, militante, admirado por movimentos de esquerda alternativos, autor de um dos livros mais discutidos entre os anos 1970/80, *O anti-Édipo*, escrito em parceria com o filósofo francês Gilles Deleuze. Guattari visitou várias vezes o Brasil. (Nota da IHU On-Line)

3 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a História da Loucura até a História da sexualidade (a qual não pôde completar devido a sua morte), situamse dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (História da loucura, O nascimento da clínica, As palavras e as coisas, A arqueologia do saber) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como Vigiar e punir e A história da sexualidade. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a "tomada de poder" proposta pelos marxistas. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um sobelendo Lacan para perceber que tudo o que eles criticavam na psicanálise o próprio Lacan, antes deles, havia antecipado.

IHU On-Line - O que é para um filho/filha ter um pai? O que faz com que um sujeito diga que tem ou teve um pai? Marcelo Veras - Ter um pai não significa herdar o nome, os bens, ou a lei paterna exclusivamente. Com a psicanálise, aprendemos que estas funções são sempre idealizadas, mas que sempre vacilam na fala dos analisantes. Para Lacan, em seu último ensino, o que se transmite é o pecado do pai, ou seja, um modo

rano (concepção contratual jurídico-política), mas sim como uma relação de forças. Ao ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em duas edições, a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, e edição 203, de 06-11-2006, ambas disponíveis para download na página do IHU. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault, que também foi tema da edição número 13 dos Cadernos IHU em formação. (Nota da IHU On-Line)



"O declínio da imago paterna é apenas uma das versões do declínio globalizado dos valores absolutos"

de gozar, que será sempre uma transgressão dos discursos universais.

IHU On-Line - Como os debates contemporâneos sobre o tema da saúde mental percebem a discussão sobre a importância da figura paterna?

Marcelo Veras - No Brasil, a saúde mental é quase unanimemente influenciada pela crítica foucaultiana aos asilos, à esquizo-análise de Deleuze e Guattari e ao movimento basagliano.4 Estes três pilares, aos quais podemos acrescentar a anti-psiquiatria, fazem uma crítica ao pai freudiano, e ao Nome-do-Pai lacaniano. O fato desta crítica, sobretudo em Foucault, ser basicamente centrada nas relações de poder, fez com que tudo que pudesse encarnar o poder tivesse que ser combatido. Um filósofo chamado Marcel Gauchet,5 junto com uma psiquiatra de nome Gladys Swain, escreveu bastante sobre a dificuldade de oferecer uma outra visão para a saúde mental que não seja a de colocar abaixo todas as estruturas de poder. Em seu texto chamado "Por uma outra história da loucura", Gauchet demonstra como

4 Franco Basaglia (1924-1980): médico e psiquiatra, precursor do movimento de reforma psiquiátrica italiano conhecido como Psiquiatria Democrática. (Nota da IHU On-Line) todos estes discursos foram extremamente influenciados pelo movimento de Maio de 686 na França. O problema é que se jogou fora o bebê junto com a água do banho. O psiquiatra, figura que passou a ser banida da saúde mental, tinha, para além do poder psiquiátrico, um saber clínico. É possível, embora não possa discorrer aqui, perceber que a condenação de qualquer representante do poder, e aqui incluímos o pai, deu-se conjuntamente com um declínio da clínica.

IHU On-Line - Que tipo de imagem paterna é "vendida" pelos especialistas da reprodução humana e pelos cientistas da manipulação genética? Marcelo Veras - Não posso medir até que ponto são os cientistas ou a mídia quem explora a idéia de que a genética nos trará o super-homem. Aqui penso em Nietzsche. 7 Nada tenho contra

6 Maio de 68: período iniciado pela greve geral que aconteceu na França e que, rapidamente, adquiriu significado e proporções revolucionárias, mas em seguida desencorajado pelo Partido Comunista Francês, de orientação stalinista, e finalmente foi suprimida pelo governo, que acusou os comunistas de tramarem contra a República. Alguns filósofos e historiadores afirmaram que essa rebelião foi o acontecimento revolucionário mais importante do século XX, porque não se deveu a uma camada restrita da população, como trabalhadores ou minorias, mas a uma insurreição popular que superou barreiras étnicas, culturais, de idade e de classe. Sobre o tema, confira a edição 250 da revista IHU On-Line, de 10-03-2008, intitulada Maio de 1968: 40 anos depois. (Nota da IHU On-Line)

7 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos alémdo-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes Assim falou Zaratustra (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), O anticristo (Lisboa: Guimarães, 1916) e A genealogia da moral (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedi-

os avanços da ciência. Há, contudo, como tudo que se refere ao humano por sinal, o bom uso e o mau uso da ciência. Melhorar a saúde e o envelhecimento, evitar doenças graves, viabilizar o enterro de nossos mortos (como vimos recentemente nos acidentes aéreos) etc. são grandes avanços para o homem do século XXI. O mau uso da ciência é quando ela se transforma em lógica perversa para eliminar a diferença e a subjetividade, auxiliando interesses políticos ou mercadológicos em detrimento das liberdades individuais. Quando leio nos jornais opiniões de cientistas convictos das bases genéticas da delingüência, por exemplo, temo o que pode acontecer se um governo "esclarecido" procurar adotar medidas de prevenção baseado apenas em evidências científicas. Estamos em um momento em que urge a releitura do "Normal e o Patológico", de Canguilhem,8 para nos darmos conta de que a fabricação do homem normal pelos dispositivos científicos é útil para determinadas medidas, porém jamais será útil para medir o pensamento humano. Assim, uma política governamental seduzida pelos ideais genéticos pode ser a porta para a eugenia.

IHU On-Line - O que o senhor caracteriza como o pai "prêt-à-porter"? Marcelo Veras - Penso na função paterna, que está cada vez menos privilegiada. Nos consultório, observamos que, em muitos casos, o pai não orienta mais a família. As parcerias contemporâneas são muito mais diversificadas: há casais homoparentais, famílias recompostas com padrastos e madrastas, mulheres solteiras que buscam a adoção de embriões, ou seja, a cultura moderna descobriu que o pai é uma máscara que pode ser usada por qualquer um.

cado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela IHU On-Line edição 175, de 10 de abril de 2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada "Nietzsche e Paulo". A edição 15 dos Cadernos IHU em formação é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*. (Nota da IHU On-Line)

8 Georges Canguilhem (1904-1995): filósofo francês, membro do Collège de France, especializado em filosofia da ciência e no estudo da normatividade. (Nota da IHU On-Line)

⁵ Marcel Gauchet: filósofo francês, que com Luc Ferry é autor do livro Le religieux après la religion (O religioso após a religião. Paris: Grasset. 2004). Escreveu Le désenchantement du monde (Paris: Gallimard. 1985), La condition historique (Paris: Stock, 2003) e Un monde désenchanté? (Paris: L'atelier, 2004). Confira nas Notícias do Dia, do site do Instituto Humanitas Unisinos (www.unisinos.br/ihu), o seguinte material: "Os direitos individuais paralisam a democracia", assegura Marcel Gauchet, em 20-02-2008, "Estamos num momento tanto de invenção religiosa como de saída da religião", entrevista com Marcel Gauchet, em 09-02-2008, e "A Franca é um país profundamente deprimido", afirma Marcel Gauchet, em 23-04-2007. (Nota da IHU On-Line)



"Para cada indivíduo, é necessário algo que lhe dê limites e sentidos, nos quais ele possa ancorar seu desejo"

IHU On-Line - Como a relação entre a psicanálise e a saúde mental, a partir do contato com o paciente, pode ajudar a compreender a função de pai com base no pensamento de Lacan?

Marcelo Veras - É preciso, como disse anteriormente, acompanhar a função paterna ao longo do ensino de Lacan. Aos poucos, esta função foi sendo reduzida, fazendo lembrar muito pouco o pai do Totem e Tabu freudianos. Este trabalho de redução foi tamanho que no meio da década de 1970 uma das últimas funções que Lacan ainda reservava ao pai, que seria a nomeação, deixa de ser uma exclusividade sua. Partindo da teoria dos três registros de Lacan, surge a pergunta que interessa à saude mental no momento atual: iá que o pai não é mais uma condição necessária para a transmissão de uma lei que mantivessem unidos, para um paciente, os registros do Real, Simbólico e Imaginário, que invenção é possível ao paciente para manter estes três registros unidos? Como paradigma de uma amarração entre os três registros que não passa pelo pai, Lacan vai citar a obra do escritor James Joyce. 9 Vale a pena ler um dos últimos Seminários de Lacan, O sintoma. Neste Seminário, para Lacan, a obra de James Joyce é o que impediu que ele entrasse na loucura. A obra, neste caso, substituiu o pai.

IHU On-Line - Por que o senhor considera que "o declínio da imago paterna é evidente no mundo contemporâneo"? Há alguma lacuna nesse

sentido? Que tipo de trauma é mais comum em sujeitos a partir da ausência da figura paterna?

Marcelo Veras - Uma reflexão sobre o parricídio pode ser encontrada já em Freud. O declínio da imago paterna é apenas uma das versões do declínio globalizado dos valores absolutos. Observamos, por exemplo, a perda de poder da religião católica no século XXI. A velocidade da produção científica faz com que uma teoria há pouco lançada logo se torne caduca em razão de um trabalho científico ainda mais recente. O que a psicanálise propõe é que este pai abolido retorna ainda mais feroz. Como isto se passa? Por exemplo, observando que o declínio da religião católica é paralelo ao crescimento de religiões e seitas muito mais dogmáticas. Não é curioso que nos Estados Unidos, país com a melhor ciência do mundo, haja um sério movimento para o retorno do ensino do criacionismo ao invés do evolucionismo nas escolas?

IHU On-Line - Como Lacan analisa as relações de paternidade e filiação em Santo Agostinho e São Tomás de Aquino?

Marcelo Veras - Para responder a esta pergunta, precisaria refazer um percurso muito longo. Digamos apenas que a Trindade foi objeto de estudo e inspiração para que Lacan criasse sua teoria do "enodamento" entre os três registros do Real, Simbólico e Imaginário. Dito muito rapidamente, onde há o Pai, o Filho e o Espírito Santo, poderíamos brincar dizendo que Lacan interpôs entre o pai e o filho, o real. Ou seja, não se trata mais da transmissão simbólica do pai, mas de interrogar se há pertinência em falar de um real nesta transmissão. A ciência busca associar este real à genética. A psicanálise trabalha com outras possibilidades de transmissão real.

IHU On-Line - Quais são as principais versões do pai que aparecem na obra de Lacan? Como essas versões mostram a lei paterna e os poderes do pai em confronto com a lógica consumista da contemporaneidade?

Marcelo Veras - Todas estas que citei, ou seja, quando ele chega a fazer equivaler, no final de sua obra, o pai a um sintoma, ele o faz tendo passado anteriormente por um longo estudo da função paterna. Aí encontramos o pai impotente do pequeno Hans, o pai do Presidente Schreber, o pai de Dora, o pai de Édipo, Édipo como pai, em seu belo estudo sobre Antígona, e outros. Há ironias e provocações, como a afirmação de que o verdadeiro pai é o espermatozóide. Enfim, longe de banir completamente a função do pai, Lacan procurou passar a idéia de que, mesmo estando caduca a exigência do pai, tal como ele existia nos quadros de família, para cada indivíduo é necessário algo que lhe dê limites e sentidos, nos quais ele possa ancorar seu desejo. O legado de Lacan com relação ao pai pode ser sintetizado em uma de suas frases tornadas célebres: "O pai, é possível dispensá-lo com a condição de poder se servir dele."

IHU On-Line - Existe ainda hoje um pai "agente da castração e perpetuador do mal-estar na cultura ao trabalhar diretamente contra o gozo"? Esse pai ainda tem alguma função real em nossos dias ou hoje impera o "pai carismático"?

Marcelo Veras - Sim, todos estes pais que citei acima co-existem. É bem isto que marca nosso tempo, não há mais um pai universal, há todo tipo de pai.

IHU On-Line - Em que sentido a clonagem seria considerada a "paternidade perfeita"?

Marcelo Veras - A clonagem é uma técnica científica. Ela pode ter usos diversos, dependendo das mãos em que cair. A pior perspectiva, sem dúvidas, é querer fazer da genética a primeira etapa de um processo de seleção, ou seja, ao invés de construirmos um mundo que inclua a imperfeição, tentarmos tornar o mundo perfeito.

⁹ James Augustine Aloysius Joyce (1882-1941): escritor irlandês considerado um dos autores de maior relevância do século XX. Suas obras mais conhecidas são o volume de contos Dublinenses (1914) e os romances Retrato do artista quando jovem (1916), Ulisses (1922) e Finnegans wake (1939). (Nota da IHU On-Line)







Revista do Instituto Humanitas Unisinos

В,

Destaques da Semana







Revista do Instituto Humanitas Unisinos

Destaques da Semana

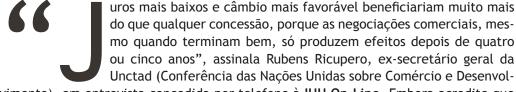


Brasil em Foco

"Brasil só pode competir com os gigantes na área da agricultura"

A posição brasileira em Doha refletiu os interesses do agronegócio, mas "isso é inevitável devido à estrutura da produção agrícola desenvolvida no Brasil", avalia Rubens Ricupero

POR PATRICIA FACHIN



vimento), em entrevista concedida por telefone à IHU On-Line. Embora acredite que uma mudança radical na política econômica brasileira seja o caminho mais eficiente para gerar acordos comerciais bilaterais, Ricupero aprova a posição "flexível" assumida pelo Brasil na Rodada Doha, em Genebra, na última semana. "O interesse nacional exigia que o país tivesse uma atitude de aceitação", disse. E dispara: "Nós não poderíamos ficar numa postura negativa apenas por causa das dificuldades existentes na Índia, China e Argentina". Com a proposta oferecida pela União Européia, acrescenta, "percebia-se a possibilidade de firmar um acordo aceitável, mais modesto, mas que

dava ao Brasil um avanço em agricultura". Segundo ele, Doha representou novamente um fracasso mundial, mas o Brasil ganhou crédito com os países ricos, o que poderá levar a transações futuras, como a comercialização de etanol.

No que se refere às relações com os aliados do G-20, Ricupero é enfático e acredita que chegou a hora do Brasil se separar daqueles países desinteressados na liberalização agrícola: "Fiquei surpreso que eles conseguiram sobreviver tantos anos, porque essa aliança era apenas de circunstância", aponta.

Rubens Ricupero é graduado em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, é diretor da Faculdade de Economia da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e do Instituto Fernand Braudel de São Paulo. Diplomata de carreira desde 1961, exerceu, dentre outras, as funções de assessor internacional do presidente Tancredo Neves (1984/1985), assessor especial do presidente da república José Sarney (1985/1987), representante permanente do Brasil junto aos órgãos da ONU sediados em Genebra (1987-1991) e embaixador nos Estados Unidos (1991-1993). Assumiu ainda os ministérios do Meio Ambiente entre 1993 e 1994 e da Fazenda em 1994.

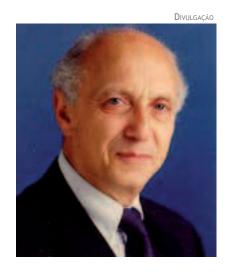
IHU On-Line - As três crises mundiais (financeira, alimentícia e imobiliária) contribuíram para o fracasso da Rodada Doha? Países ricos e emergentes estão adotando políticas mais reclusas?

Rubens Ricupero - Não há dúvida que contribuíram, porque, em época

de crise econômica acentuada como a dos americanos, aumenta a insegurança, e, portanto, o sentimento de protecionismo que é, sobretudo, sensível nos Estados Unidos. Acredito que o problema dos alimentos pesa muito, porque as pessoas têm receio de que uma liberalização da agricultura com

a redução dos subsídios possa produzir um aumento adicional deles. Provavelmente isso aconteceria, mas, depois, essa medida acabaria favorecendo o aumento da oferta e o mercado se equilibraria.

IHU On-Line - Por que o senhor acredi-





ta que a Rodada Doha foi um fracasso? Rubens Ricupero - Para o Brasil foi um fracasso, porque, infelizmente, o país não conseguiu o avanco esperado na área da agricultura. Para a OMC (Organização Mundial do Comércio),1 a Rodada também foi um problema, porque, sem chegar a um consenso, a organização se enfraquece. De qualquer modo, isso não quer dizer que as alternativas se esgotaram. A Rodada Uruguai do GATT² (1986-1994), por exemplo, fracassou na reunião de Bruxelas, em dezembro de 1990. Ela ficou parada durante dois anos e depois foi retomada com grande vigor, terminando num nível alto de ambicão. Não há nada irremediável.

IHU On-Line - Os países do G-20 não costumavam aceitar as propostas dos EUA e da Europa no que se refere à agricultura. Como o senhor percebe a posição do Brasil, que logo no início das negociações estava concordando com as medidas apresentadas pela União Européia? O que isso significa? Rubens Ricupero - Sobre esse assunto, devemos fazer duas qualificações. Primeiro, houve uma evolução na posição da Europa e dos Estados Unidos no curso da reunião de Genebra. Eles acabaram ampliando as ofertas comerciais, e chegaram mais perto do que o Brasil desejava como concessão em agricultura. Portanto, isso ajudou a permitir uma mudança da posição brasileira. Em segundo lugar, devo dizer que a atitude do Brasil era inevitável. Cedo ou tarde, o país teria de se separar de alguns países do G-203 que não têm in"Para o Brasil foi um fracasso, porque, infelizmente, o país não conseguiu o avanço esperado na área da agricultura"

teresse na liberalização agrícola. Essa já era uma ruptura anunciada.

Uma aliança temporária

O G-20 foi criado por causa da reunião de Cancún, no México, como resposta à postura que os europeus e americanos tinham assumido em relação à agricultura, a qual era muito insatisfatória para os países em desenvolvimento. Fiquei surpreso que eles conseguiram sobreviver tantos anos, porque essa aliança era apenas de circunstância. Sabia-se que, dentro desse grupo, havia países genuinamente interessados na liberalização agrícola, como o Brasil, que tem uma competitividade alta nesse setor.

Penso que o país fez bem em concordar com as propostas sugeridas pela União Européia. Embora a proposta oferecida não fosse ideal, percebiase a possibilidade de firmar um acordo aceitável, mais modesto, mas que dava ao Brasil um avanço na agricultura. O interesse nacional exigia que o país tivesse uma atitude de aceitação. Nós não poderíamos ficar numa postura negativa apenas por causa das dificuldades existentes na Índia. China e Argentina. Os vizinhos argentinos, por exemplo, se encontram hoje numa fase de reindustrialização da indústria que perderam, devido à política econômica dos últimos anos. Por isso, eles apresentaram uma atitude muito intransigente. Mas esse não era o caso do Brasil. O país fez muito bem ao mostrar flexibilidade, e isso nos dá agora um certo crédito para tentar-

2003, em Cancún, México. O grupo surgiu com o objetivo de defender as negociações agrícolas da Rodada Doha e os interesses dos países em desenvolvimento. Países da África, Ásia, Europa e América Latina integram o grupo. Juntos, os membros correspondem a 60% da população mundial e 70% da população rural do mundo. (Nota da IHU On-Line)

mos, junto a grandes países, como os da Europa, os Estados Unidos e o Japão, acordos não muito amplos, mas sobre determinados produtos, como o etanol, ampliando um pouco as expectativas de mercado.

IHU On-Line - Essa posição "flexível" do ministro Celso Amorim reforçou a preferência do governo brasileiro pelo agronegócio?

Rubens Ricupero - Em parte, a posição brasileira reflete os interesses do agronegócio, mas isso é inevitável, devido à estrutura da produção agrícola desenvolvida no Brasil. Nesse momento, o país está cada vez mais concentrando suas exportações num pequeno número de produtos, que são produzidos por grandes produtores, como o caso do minério de ferro, com a Vale do Rio Doce, do complexo soja, da carne bovina e suína. Mas, nesse caso, não vejo muitas escolhas, porque o país não apresenta muitas vantagens competitivas no comércio mundial. Se nós não recebêssemos algum tipo de compensação para ter acesso ao mercado agrícola da China ou da Índia, ficaríamos numa posição muito desvantajosa em relação a esses países, porque a China tem hoje um espaço muito forte no mercado brasileiro de manufaturados. Ora, o Brasil só pode competir com esses gigantes na área de agricultura.

IHU On-Line - Como o senhor percebe a entrada de capital estrangeiro no Brasil? Esses investimentos têm "mascarado ou segurado" a inflação brasileira?

Rubens Ricupero - Percebo vantagens e desvantagens. O investimento estrangeiro vem para ficar e ajudar o Brasil em áreas tecnológicas ainda não desenvolvidas. Além disso, contribui

¹ Organização Mundial do Comércio (OMC): organização internacional que supervisiona um grande número de acordos sobre as "regras do comércio" entre os seus estados-membros. Foi criada em 1995 sob a forma de um secretariado para administrar O Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT). Atualmente inclui 150 países. A sua sede localiza-se em Genebra, Suíça. O diretor-geral atual, eleito em 2005, é Pascal Lamy. (Nota da IHU On-Line)

² GATT (Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio) (em inglês, *General Agreement on Tariffs and Trade, GATT*) estabelecido em 1947, tendo em vista harmonizar as políticas aduaneiras dos Estados signatários. Está na base da criação da Organização Mundial do Comércio. É um conjunto de normas e concessões tarifárias, criado com a função de impulsionar a liberalização comercial e combater práticas protecionistas, regular, provisoriamente, as relações comerciais internacionais. (Nota da IHU On-Line)

³ G-20: grupo de países emergentes criado em



para aumentar a capacidade de exportação, é positivo. Veja que alguns investimentos brasileiros foram possíveis devido à entrada de capital estrangeiro no país. Hoje em dia, a maioria das nossas indústrias automotiva e naval são de capital estrangeiro, mas isso não é negativo, pois esses investimentos permitiram o desenvolvimento de setores em que o Brasil não apresentava nenhuma capacidade.

O problema se dá, sobretudo, em áreas de especulação pura. Os investimentos que entram no mercado nacional apenas para explorar serviços financeiros, bancários ou de telefonia, representam uma pressão contínua na balança de pagamentos através da remessa de lucros e dividendos. De todos os tipos de investimentos existentes, os piores e menos desejáveis são os fluxos financeiros de curto prazo, especulativos, os chamados capitais de arbitragem, que vêem ao Brasil apenas para ganhar com o diferencial de juros. Esses são grupos que levantam recursos no exterior, especialmente no Japão e nos Estados Unidos, a juros negativos, abaixo da inflação, e investem na Bolsa de Valores ou em papéis de renda fixa, a juros muito maiores. Esse tipo de capital é muito nocivo e contribui para a volatilidade e insegurança em matéria financeira.

IHU On-Line - Mudar a política econômica, baixando os juros, por exemplo, tornaria o Brasil mais competitivo no mercado internacional, possibilitando a realização de acordos bilaterais? Essa medida é mais eficiente do que longas negociações como Doha?

Rubens Ricupero - Juros mais baixos e câmbio mais favorável beneficiariam muito mais do que qualquer concessão, porque as negociações comerciais, mesmo quando terminam bem, só produzem efeitos depois de quatro ou cinco anos.

Mas, no caso brasileiro, temos um problema muito grave: o câmbio está incidindo de uma maneira muito negativa e estimulando um aumento de importação de 40%, enquanto que nós só conseguimos aumentar as exportações por volta de 20%, e assim mesmo por causa da melhoria dos preços. Esses

podem começar a fraquejar por causa da conjuntura americana e da crise internacional. Corremos o risco de ficar numa situação muito precária em matéria de balanço comercial, de contas correntes e de pagamentos. Isso é muito mais grave do que o resultado negativo da Rodada Doha até agora.

Negociações acertadas

O êxito de um país por meio das exportações depende de três elementos por ordem de importância: primeiro, a taxa de câmbio deve ser ligeiramente desvalorizada; segundo, necessita capacidade de oferta, isto é, o país precisa oferecer, no mercado mundial, produtos com preços e qualidade competitivos; terceiro, depende das oportunidades criadas por negociações tanto da OMC como de acordos bilaterais ou regionais.

As duas primeiras condições são as mais importantes. Casos como o da China e Taiwan provam isso, pois são os dois países que mais êxito tiveram através das exportações, e até poucos anos atrás não faziam parte do GATT e da OMC. O que eles tinham de sobra era a vantagem do câmbio e a capacidade de oferta.

Infelizmente, nesse momento, o Brasil tem uma vantagem comparativa em agricultura, mas um câmbio desfavorável e não apresenta uma capacidade de oferta muito grande. Por isso, mais do que as negociações internacionais, a prioridade para o país é conseguir criar um ambiente macroeconômico, em que possamos ter taxas de juro e de câmbio mais estimuladores. Por esses motivos, acredito que, embora tivéssemos tido um ganho nessa negociação de Doha, ainda assim, os nossos problemas cambiais não ajudariam a aproveitar essas oportunidades.

IHU On-Line - Como o senhor avalia a maneira como o ministro Guido Mantega tem conduzido a economia do país, pensando na inflação, por exemplo?

Rubens Ricupero - Posso dizer que a economia está razoável, crescendo. Apenas corremos o risco de um retorno da inflação. Nesse sentido, será importante a contribuição do Ministério da Fazenda na contenção do aquecimento excessivo dos gastos do governo e do consumo em geral, como uma maneira de evitar que se dependa exclusivamente dos juros para combater a inflação. Mas acredito que isso esteja sendo cogitado.

IHU On-Line - Com a elevação dos investimentos estrangeiros no país, surge uma nova classe social que poderíamos denominar de "superricos", como Eike Batista e Dantas, por exemplo?

Rubens Ricupero - O fato de que há super-ricos é um fenômeno que está ocorrendo devido ao enorme desenvolvimento da atividade de intermediação financeira, no Brasil e no mundo. Claro que é um fenômeno complicado e negativo, mas não chega a configurar uma classe, porque uma classe em geral é alguma coisa formada por um número substancial de indivíduos. Não vejo isso acontecendo no Brasil. É um certo exagero.

LEIA MAIS...

>> Confira no sítio do IHU artigos e entrevistas concedidas por Rubens Ricupero à IHU On-Line.

Entrevistas:

A teologia e a idéia de desenvolvimento nacional. Edição 103, O lugar da teologia na universidade do século XXI em debate, de 31-05-2004; "Vivemos uma desindustrialização precoce". Edição 218, O Brasil está se desindustrializando? Um debate, de 07-05-2008.

Artigos:

O que faz — ou poderia fazer — a diferença do Brasil no contexto mundial, de 19-12-2006; Uma injustiça do tamanho do mundo. África é vítima de uma agressão global, de 15-04-2007; A luz os deslumbra, de 30-04-2007; Tempo que resta, de 14-05-2007; Clima e desenvolvimento. A opinião de Lula e Bush, de 10-06-2007; As cicatrizes do fracasso de Doha, de 30-07-2008.

Para ler mais sobre a Rodada Doha no site www.unisinos.br/ihu

Entrevistas

Fracasso para o governo, vitória para o povo brasileiro. Entrevista especial com Reinaldo Gonçalves, Notícias do Dia, 02-08-2008.

Rodada Doha. O Brasil e o agronegócio. Entrevista especial com Fátima Mello, **Notícias do** Dia, 01-08-2008

Artigos

Doha: mais vitória do que fracasso. Artigo de Reinaldo Gonçalves, 02-08-2008.





Jean Ladrière (1921-2007)

Jean Ladrière, filósofo de todas as ciências, pensador da esperança

Traduzimos e publicamos o artigo em memória de Jean Ladrière escrito por Philippe Van Parijs, publicado no jornal *La Libre Belgique*, 27-11-2007 e reproduzido pela Revue Philosophique de Louvain 106(2)

POR PHILIPPE VAN PARIJS*

ilósofo de origem belga, nascido em 1921, Jean Ladrière faleceu em 26 de novembro de 2007. Sua vida e obra são relembradas por Philippe Van Parijs, no artigo a seguir, publicado originalmente em 27-11-2007 no jornal *La Libre Belgique*, e reproduzido pela Revue Philosophique de Louvain 106(2). De sua extensa lista de publicações, destacamos *A fé cristã e o destino da razão* (São Leopoldo: Unisinos, 2008).

No dia 26 de novembro de 2007, morreu o filósofo Jean Ladrière, aos 86 anos de idade. Tanto no plano intelectual quanto no humano, ele foi um dos professores universitários belgas mais respeitados do século XX.

De origem armênia, por parte de sua mãe, ele era filho de um arquiteto, ele nasceu em Nivelles, para onde voltou quando se tornou professor emérito da Universidade Católica de Louvain.

Após a Segunda Guerra Mundial, ele retoma os estudos de matemática e filosofia. Sua tese de doutorado em filosofia foi: "Le role du théorême de Gödel dans le développement de la thérie de la démonstration". Professor no Instituto Superior de Filosofia da Universidade Católica de Louvain, ele dedica seus primeiros escritos aos fundamentos da lógica formal e à epis-

temologia das matemáticas. Mas suas publicações e seu ensino se desenvolvem rapidamente para além destes campos. É por meio dos seus cursos que Louvain descobre Wittgenstein e Popper, Chomsky e Habermas. Ele funda um centro de filosofia das ciências onde nenhum campo do saber é excluído. Seus míticos seminários das tardes de sexta-feira exploram a cibernética e a teoria das catástrofes, da teoria da evolução e a teoria da justiça, a metafísica de Whitehead e o marxismo contemporâneo.

Para além da apropriação crítica de uma literatura científica e filosófica imensa, Jean Ladrière é também o autor de uma obra pessoal rica e influente que se expressa na sucessão de livros redigidos com um grande saber e muita elegância. Os últimos três volumes da sua obra foram publicados em 2004: La foi chrétiennea et le destin de la raison (traduzida pela Editora Unisinos, neste ano, com o tí-

tulo A fé cristã e o destino da razão), Le temps du possible e L'espérance de la raison.

No centro da sua obra, está a relação entre a fé e a razão. "O que está em jogo", afirmou numa entrevista (a íntegra desta entrevista está disponível em http://www.uclouvain. be/cps/ucl/doc/etes/2002.InterviewLadrierecomplet.pdf), publicada pela revista Louvain por ocasião do seu 80° aniversário, em fevereiro de 2002, "não é uma simples confrontação, mas uma relação justificável, refletida e vivida, entre fé e razão. É esta a visão desta relação que, creio, subjaz na grande maioria dos textos que escrevi. Os outros textos são intervenções circunstanciais".

Professor e autor, Jean Ladrière foi também membro devotado e eficiente de numerosas instituições, onde foi uma das pilastras: o Instituto Superior de Filosofia da Universidade Católica de Louvain, que ele presidiu por lon-

¹ Traduzindo: O papel do teorema de Gödel no desenvolvimento da teoria da demonstração (Nota da IHU On-Line)



No centro da sua obra, está a relação entre a fé e a razão. "O que está em jogo", afirmou numa entrevista publicada pela revista Louvain por ocasião do seu 80° aniversário, em fevereiro de 2002, "não é uma simples confrontação, mas uma relação justificável, refletida e vivida, entre fé e razão. É esta a visão desta relação que, creio, subjaz na grande maioria dos textos que escrevi. Os outros textos são intervenções circunstanciais"

gos anos, especialmente na época da transferência para Louvain-la-Neuve, a Universidade Católica de Louvain, no seu conjunto, da qual foi uma das grandes personalidades emblemática, a Academia Real da Bélgica, para a qual foi eleito em 1977, o grupo Esprit, que ele contribuiu a animar nos anos 1950, o Instituto Internacional de Filosofia, o Movimento Internacional dos intelectuais católicos e o Centre de recherche et d'information sócio-politique - C.R.I.S.P., entre outros. Em todos os lugares, deixou a lembranca de uma presença humilde e competente, gozando de uma autoridade moral e intelectual tanto no interior quanto no exterior da instituição.

Católico comprometido, Jean Ladrière não era daqueles que achavam dever impor sua fé aos outros ou desprezar os que não a partilhavam com ele. Jean Ladrière era daqueles a propósito do qual seria quase que inconveniente falar de tolerância e honestidade intelectual, tão encarnadas estavam nele. A imensa cultura que possuía não o fazia para nada orgulhoso e impertinente. Ele possuía a grande capacidade de se maravilhar com uma simples anedota e, ao mesmo tempo, com um teorema. Tinha, desta maneira, uma capacidade excepcional de escutar atentamente, respeitosamente, generosamente, seus interlocutores, os mais modestos, os mais fanfarrões,

de reformular mais precisamente as questões que lhe eram propostas, às vezes de maneira confusa. Procurava ilustrá-las, para que se salvasse o essencial das mesmas.

Jean Ladrière não tinha filhos, mas seus filhos espirituais, os inumeráveis doutorandos aos quais dedicou o melhor das suas horas, dispersos pelas universidades do mundo todo.

No final da entrevista acima citada, ele expressa sua atitude frente à morte que se aproximava: "Tenho o privilégio de viver além dos 80 anos e de continuar algum tipo de trabalho, ainda que num ritmo mais lento. Deste ponto de vista, posso dizer que tenho uma vida completa. Mas eu guardo, até este momento, o sentimento de não ter feito o que eu creio que deveria ter feito, e de sempre ter pela frente algo por realizar (...). De uma parte, me voltando para o passado (...), eu vejo sobretudo o caráter muito inadeguado, bastante parcial e tímido, do que eu pude exprimir. E, doutra parte, me voltando para o futuro, eu sinto chamado a realizar um trabalho que ainda precisa ser feito, que de uma certa maneira seria o sentido do que eu tentei fazer durante o tempo passado, e que seria uma última tarefa. Naturalmente, eu não sei tudo nem se terei o tempo para me dedicar uma tal tipo de trabalho, nem se terei a visão e a energia necessárias para o

realizar. Mas eu vejo, no momento, o tempo que me resta como o tempo de uma tarefa que ainda tenho que realizar. Eu me digo que esta maneira de viver o tempo é também uma maneira de se preparar para a morte. Mesmo que não possa mais escrever nada, eu me digo que, pelo menos, vivi na perspectiva, que permanece aberta até o fim, de uma tarefa que precisa ser realizada. De qualquer modo, aquilo que fiz ou não fiz, eu sei que não haverá uma adequação entre o que eu pude, eventualmente, fazer e o que eu poderia ter podido fazer. Por isso, desde já, me coloco inteiramente na misericórdia de Deus".

* Philippe Van Parijs: professor na Universidade Católica de Louvain, na Harvard University. É autor de uma vasta obra, da qual citamos os livros *O que é uma sociedade justa?* (São Paulo: Atica, 1997) e *Renda básica de cidadania* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006).

Livros

Obras de Jean Ladrière traduzidas para o português:

A articulação do sentido. EPU, 1977.

Ética e pensamento científico. Letras & Letras,

A fé cristã e o destino da razão. Ed. Unisinos, 2008

Os livros mais recentes de Jean Ladrière:

L'articulation du sens, I. Discours scientifique et parole de la foi. Cerf, 1984;

L'articulation du sens, II. Les langages de la foi. Cerf, 1984;

Ethique dans l'univers de la rationalité. Fides, 1997

Dieu, à la limite de l'infini. Une légitimation du discours théologique. Cerf, 2002;

Sens et vérité en théologie. L'articulation du sens, III. Cerf, 2004;

Les enjeux de la rationalité. Le défi de la science et de la technologie aux cultures. Liber Quebec,

A Revue Philosofique de Louvain 106(2), 2008, p. 248-269 publica o artigo "Comment et pourquoi, personnellement, je crois" ("Como e porquê, pessoalmente, eu creio"), de Jean-Ladrière, conferência proferida no dia 27-10-1999.



Entrevista da Semana

As múltiplas faces do imaginário político

A filósofa Francimar Arruda analisa o campo político para além da racionalidade, considerando os componentes psíquico e transcendente. Ela fala, ainda, da falência do modelo atual de democracia, calcada em um niilismo ético que descamba na corrupção

POR MÁRCIA JUNGES

compreensão do fenômeno político abarca uma origem no trajeto humano que está na esfera do psíquico e que engendra propostas de convivências com o outro e com o Poder", analisa a filósofa Francimar Arruda na entrevista a seguir, concedida com exclusividade, por e-mail, à IHU On-Line. Apoiada na afirmação de Burdeau de que "a política não está na natureza", ela acentua que o fenômeno deve ser apreendido pelos componentes racional, psíquico e transcendente. Entretanto, "tradicionalmente, vemos a ação política como formas racionais de ordenamento das relações sociais", e isso nos restringe a um terço de sua compreensão. Em sua opinião, "estamos, há algum tempo, vivenciando um niilismo ético, quer dizer, o que permeia a sociedade e a vida política é o ressentimento, a má-fé, o desamparo, a raiva, a impotência, e vários outros sentimentos que circulam entre os cidadãos e entre os cidadãos e o Estado. Isso está gerando uma falência da democracia representativa e esse episódio só veio ilustrar essa relação desgastada e frustrante". Arruda argumenta que precisamos pensar a respeito de uma democracia vindoura, pois a que existe hoje "está em estado terminal, daí o descrédito generalizado e uma impotência absurda. Tudo é tão desmesurado que uma dimensão do ser humano como a corrupção, que eventualmente acontece num sistema político, agora virou sistêmica e normal". Uma concretização disso seria o caso da Operação Satiagraha.

Arruda é graduada em Filosofia Arruda e especialista em História da Filosofia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Cursou mestrado em Filosofia e doutorado em Filosofia da Educação na mesma instituição, com a tese *Imaginário social e educação: fundamentos filosóficos*. É pós-doutora pela Universidade de Borgonha, na França. De sua vasta produção acadêmica, destacamos o artigo que inspirou a entrevista que você confere a seguir: "As múltiplas faces imaginárias do político" (In *Filosofia Unisinos*, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, São Leopoldo, Unisinos, v. 5, n. 8, 2004).

IHU On-Line - Por que a esfera política não pode ser interpretada apenas do ponto de vista das referências tradicionais de compreensão? Que referências seriam essas?

Francimar Arruda - Se partirmos do pressuposto que o ser humano possui quatro dimensões na sua constituição — a saber: natural (biológico), racional (conexão de relações), psíquica (emo-

cional) e metafísica (transcendência ou espiritualidade) —, só poderíamos analisar suas ações a partir desta totalidade quadridimensional. Se concordarmos com Burdeau,¹ quando afirma que "a política não está na natureza", então esse fenômeno deverá ser

apreendido pelos três componentes (racional, psíquico e transcendente). Tradicionalmente, vemos a ação política como formas racionais de ordenamento das relações sociais. Então, por isso, ficamos sempre restritos a um terço de sua compreensão, quando deixamos de fora dessa análise o psíquico e a transcendência.

¹ Georges Burdeau (1905-1988): politólogo francês, autor de numerosos trabalhos sobre o direito constitucional e a ciência política. (Nota da IHU On-Line)



IHU On-Line - Como os componentes não racionais nos ajudam a compreender a política? A que componentes, especificamente, você se refere?

Francimar Arruda - Os componentes não racionais são as imagens, símbolos, mitos e eu ainda acrescentaria os ritos, ícones, desejos, os sentimentos e os projetos, formando o que chamo de campo do imaginário. Eles nos ajudam a compreender o fenômeno do político, da mesma forma que Freud,² para entender a relação básica da formação do sujeito (a tríade Pai, Mãe e Filho), traz da Antiguidade o Mito de Édipo, como referência e explicação. Isto é, a dimensão psíquica (emocional) está enraizada em nossa memória, com imagens matriciais, primitivas, mas que interferem no nosso comportamento, aqui e agora. Consentir e interagir com este fato nos dará condicões de saber como essa dimensão macro-antropológica-mítica, significa e orienta, desde sempre, nossas ações (as políticas também) em nível micro. Responderíamos se atentássemos para isso claramente, porque na América Latina temos um histórico político de necessitar de presidentes (Pai!), que nos assegurem e nos delimitem como eleitores (filhos)? Não há explicação somente racional que dê conta desse recado! Nesse sentido, a compreensão do fenômeno político abarca uma origem no trajeto humano que está na esfera do psíquico e que engendra propostas de convivências com o outro e com o Poder. Abarca também a esfera da transcendência porque, como afirma Bloch,³ "Ser homem é ter utopias", ter também desejos e projetar sua liberdade para o amanhã.

Ora, o projeto político sempre foi o empreendimento humano mais grandioso e notável porque perpassa a sociedade como um todo; trata-se de um projeto de uma coletividade (por exemplo, o projeto utópico da sociedade comunista). E, por fim, abarca a racionalidade porque é ela que vai operacionalizar, concretizar as duas esferas anteriores; e a razão trata disso muito eficazmente, daí nossa evolução tecnológica-científica. Emocionalmente, no entanto, continuamos com as mesmas carências de um ser do século V a. C.

IHU On-Line - Pensando nessa zona de sombras da política, como você analisaria o episódio da operação Satiagraha, envolvendo Daniel Dantas, Pitta, Naji Nahas e o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Gilmar Mendes? Essa parte "mal-dita" da política (porque não verbalizada), pode nos ajudar a entender a corrupção, por exemplo? Francimar Arruda - Estamos, há algum

tempo, vivenciando um niilismo ético,4 quer dizer, o que permeia a sociedade e a vida política é o ressentimento, a má-fé, o desamparo, a raiva, a impotência, e vários outros sentimentos que circulam entre os cidadãos e entre os cidadãos e o Estado. Isso está gerando uma falência da democracia representativa e esse episódio só veio ilustrar essa relação desgastada e frustrante. Precisamos repensar seriamente no espaço do eleitor como protagonista único do processo de eleição, por exemplo. A meu ver, não existe mais espaço para reforma política. Não adianta mudar as regras desse jogo

falido, mas sim o jogo. E que não se pense que estou falando de regimes autoritários; esses são variantes da mesma regra. A maior dificuldade da democracia é substituir a forca pelo diálogo e o dogmatismo pela tolerância. Concordo com Churchill⁵ quando afirma: "A democracia é o pior dos regimes políticos, com exceção de todos os outros, todos péssimos". Por isso, é necessário ter no horizonte de nossas reflexões a possibilidade de uma democracia por vir. Essa que vivenciamos hoje está em estado terminal, daí o descrédito generalizado e uma impotência absurda. Tudo é tão desmesurado que uma dimensão do ser humano como a corrupção, que eventualmente acontece num sistema político (o Poder corrompe), agora virou sistêmica e normal. Ser correto e bom ficou fora de moda. O máximo do orgasmo agora é ser *bad boy*: ele é sexy, atraente e admirado. No Rio de Janeiro, está sendo oferecido um curso intitulado: Como ser bom – Exercícios aristotélicos sobre o bem humano. Quem sabe a gente reaprende?

IHU On-Line - Em que sentido a racionalidade e a não racionalidade se complementam e são benéficas para o agir político?

Francimar Arruda - Se o fenômeno da política é complexo e envolve múltiplas dimensões, é lógico que vai requerer para sua compreensão múltiplos enfoques. Daí ser necessário unir razão, emoção e transcendência para lidar melhor com ela, tendo condições de saber de suas entranhas e labirintos. Seria conveniente percorrer esses caminhos com os meios adequados que essa investigação requer.

IHU On-Line - Essas esferas não racionais sofrem preconceito por não se adequarem ao esquema iluminista hiper-racional, de um agir categórico? Em que aspectos a política perde com esse ponto de vista?

Francimar Arruda - Isso é um assunto epistemológico e está ligado também

² Sigmund Freud (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a idéia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias, e seu tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 170 da IHU On-Line, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título Sigmund Freud. Mestre da suspeita, e a edição 207, de 04-12-2006 o tema de capa Freud e a religião. A edição 16 dos Cadernos IHU em formação tem como título Quer entender a modernidade? Freud explica. Todos os materiais estão disponíveis para download no site do IHU (www.unisinos. br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

³ Ernst Bloch (1885-1977): filósofo alemão marxista heterodoxo, que construiu vasta obra que ressalta o papel da utopia na história do homem. Seu livro *O princípio esperança* (Rio de Janeiro: Contraponto, 2005) foi destacado na editoria Livro da Semana da 151ª edição da revista IHU On-Line, de 15-08-2005, com a realização de duas entrevistas sobre a obra: uma com o tradutor do livro, Nélio Schneider, e outra com o professor da UFRGS Edson Sousa. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Sobre o tema, confira a edição 197 da revista IHU On-Line, de 25-09-2006, intitulada *A política em tempos de niilismo ético*. (Nota da IHU On-Line)

⁵ Sir Winston Leonard Spencer Churchill (1874-1965): estadista britânico, escritor, jornalista, orador e historiador, famoso principalmente por ser o primeiro-ministro do Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial. (Nota da IHU On-Line)



"Na América Latina, temos um histórico político de necessitar de presidentes (Pai!), que nos assegurem e nos delimitem como eleitores (filhos)? Não há explicação somente racional que de conta desse recado!"

à questão de paradigmas. Estamos assistindo a uma recuperação de uma racionalidade aberta, plural, que foi a marca do pensamento pré-socrático. O hiper-racionalismo foi uma etapa e fruto de uma época, o Iluminismo. Tanto nas ciências exatas (física quântica) quanto nas ciências humanas, uma visão de razão aberta que abarque princípios de antagonismo, lógicas da contradição e do paradoxo, é aceitável no mundo acadêmico. A reação fica por conta de alguns positivistas que não querem perder o poder e o foco de luz que mantiveram por tanto tempo. Epistemologicamente, é gratificante quando presenciei o projeto "Cátedra da UNESCO sobre o Imaginário" ser lançado numa Universidade de Milão. Ele vai agregar instituições no mundo inteiro que pesquisam e desenvolvem o tema do imaginário, que usa necessariamente um paradigma novo e uma epistemologia que recupere as diversas lógicas da existência.

IHU On-Line - Por outro lado, ao dar vazão ao não racional na política, não se corre o risco de incutir nela um viés ligado ao sentimento, inclinação pessoal e, portanto, hipotética?

Francimar Arruda - A hipótese é uma etapa que pertence a qualquer metodologia e não se restringe, portanto, a aspectos que você chama não racional. É importante esclarecer: não racional significa que um fenômeno não é passível de ser explicado por um determinado tipo de raciocínio dedutivo do tipo: se A, então B, logo C. Isso quer dizer que essa lógica dedutiva não explicou o fenômeno porque a estrutura lógica dele é mais complexa e, portanto, exige um raciocínio mais elaborado. Você está considerando somente o viés da epistemologia tradicional, e o que escapa a ela nos habituamos a chamar de não racional, que não quer dizer irracional (sem lógica, sem sentido).

IHU On-Line - Em quais condições podemos aceitar o cultivo das mediações imaginárias na esfera do político?

Francimar Arruda - Hoje em dia, não se trata mais de aceitar ou não as mediações imaginárias, ou melhor dizendo, nas relações humanas, sejam quais forem, aceitando-as ou não, a dimensão do imaginário está presente, e, assim como não tenho como me livrar dos meus afetos, desejos, proietos, normas culturais, enfim tudo o que faz de mim um ser, não posso me livrar também da minha faculdade de criar imagens. O que acontece agora é uma conscientização de que esses componentes imaginários afetam o meu modo de ser e estar no mundo. Logo, preciso conhecê-los, entrar em contato para negociar, já que não posso expulsá-los. Conviver, viver com, é o mote existencial deste início de século, e sem a esperança utópica de um mundo melhor, mas com pretensões a um mundo possível e aberto ao diálogo a partir de uma razão viva.

IHU On-Line - As assessorias de comunicação e marketing seriam formas racionais dos modernos príncipes utilizarem a linguagem não racional e assim persuadirem, cristalizarem seu discurso no imaginário político? Francimar Arruda - O uso tendencioso da mídia produzindo as imagens e conduzindo o desejo do consumidor não é atual. Na formação do III Reich,6 o

ministro da Propaganda Joseph Goebbels7 teve todo o mérito da solidificação desse regime quando procurou em Wotan,8 símbolo e mito do povo germânico, a âncora para sustentar a tese da raça pura alemã. O imaginário se apresenta como um material neutro e cuja plasticidade torna-o ambivalente e por isso seu uso pressupõe potenciais bons e maus. Por isso, coloquei no texto que a ausência da racionalidade formal facilita as manipulações cínicas da mídia. É necessário saber como se constrói um imaginário social para, aí sim, em nível do contra-discurso, ter condições de desconstruí-los. Para isso é preciso saber como esses discursos, esse teatro do poder pode manipular as imagens e ganhar uma eleição, por exemplo. A meu ver, poderíamos desde já (como exercício!) fazer uma leitura conspiratória para as próximas eleições. Como? Sempre perguntando (como assinalou muito bem João Ubaldo⁹ em sua crônica do *Jornal do Brasil*) "Cuit Prodest" (a quem aproveita, a quem interessa?). Ao responder a essa pergunta, teremos as causas de sua proposta e os interesses embutidos, que nem sempre vão coincidir com os meus, e veremos como a quantidade de votos pesa muito numa democracia representativa. Outra providência urgente seria restringir o dinheiro das companhias: são elas que especulam interesses e dão espetáculos desnecessários e com financiamentos oblíguos e onerosos e que serão pagos por nós, os contribuintes. É só um começo, mas se vira mania... Dar assistência ao povo não pode ser uma proposta, mas um pressuposto. Isso posto, qual seria então a proposta? (e aí caímos num vazio desalentador). Isso pode mudar!

d III Reich: nome dado ao período durante o qual vigorou na Alemanha o regime totalitário nazista, de 1933 a 1945, assim como no império formado pelas nações por ela conquistadas. Sob a liderança de Adolf Hitler, o III Reich impôs o partido único através do Partido Nacional Socialista Alemão dos Trabalhadores. Sobre o tema, confira a edição 265 da revista IHU On-Line, de 21-07-2008, intitulada Nazismo: a legitimação da irracionalidade e da barbárie. (Nota da IHU On-Line)

⁷ Paul Joseph Goebbels (1897-1945): ministro da Propaganda de Adolf Hitler. Figura-chave do regime, conhecido por seus dotes retóricos. (Nota da IHU On-Line)

⁸ Wotan: o maior dos deuses vikings na mitologia nórdica, considerado, ainda, o deus da sabedoria. Também conhecido pelo nome de Odin. (Nota da IHU On-Line)

⁹ João Ubaldo Osório Pimentel Ribeiro (1941): escritor, jornalista, roteirista, professor brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras. Escreveu, entre outros, O sorriso do lagarto, A casa dos budas ditosos e Viva o povo brasileiro. (Nota da IHU On-Line)



Filme da Semana

O filme comentado nessa edição foi visto por algum/a colega do IHU e está em exibição nos cinemas de Porto Alegre, como o Guion Center, no Shopping Nova Olaria

Do outro lado Ficha técnica Título Original: Auf der Anderen Seite **Diretor:** Fatih Akin Gênero: Drama Tempo de Duração: 122 minutos Ano de lançamento: (Alemanha / Turquia / Itália): 2007 Elenco: Nurgül Yesilçay, Baki Davrak | Tuncel Kurtiz, Hanna Schygulla, Patrycia Ziolkowska, Nursel Köse Resumo: Ali (Tuncel Kurtiz) vive com o filho Nejat (Baki Davrak) e convida Yeter (Nursel Köse), uma prostituta, para morar em sua casa. Ela tem uma filha chamada Yeter, que não vê há anos. Depois de um incidente, Nejat vai à Turquia tentar encontrá-la. Ao mesmo tempo, Yeter, que faz parte de um movimento rebelde, procura a mãe na Alemanha. I

Um exercício de alteridade

Por André Dick

O filme *Do outro lado*, produção conjunta entre Turquia, Alemanha e Itália, é dirigida pelo cineasta Fatih Akin, de *Contra a parede*. Premiado em Cannes/2007 na categoria de roteiro (do próprio diretor) e representante da Alemanha na disputa pelo Oscar/2008 — não chegou aos cinco finalistas —, ele é, ao mesmo tempo, interessante e problemático.

O interesse se dá, sobretudo, em razão de sua narrativa, em que seis vidas se entrecruzam e se modificam radicalmente. Na Alemanha, Ali Aksu (Tuncel Kurtiz) é um viúvo que acaba se envolvendo com Yeter (Nursel Köse), uma prostituta. Ambos são de origem turca. Com a justificativa que só a Deus se permite à solidão, ele a

convida para morarem juntos. Ali tem um filho, Nejat Aksu (Baki Davrak), professor em uma universidade, que logo fica amigo de Yeter. Esta lhe diz que seu sonho é reaver sua filha, que não vê há anos. No entanto, acontece um incidente com Yeter. Isso é motivo para Nejat ir para a Turquia tentar encontrar a sua filha desaparecida. A partir deste ponto, se percebe como o incidente faz com que Nejat desperte um pouco de sua vida entediada e viaje para o país de origem, ou seja, no momento em que se afasta da figura paterna — do qual parece ser a antítese, sobretudo porque Ali vive, digamos assim, voltado para os prazeres etílicos e do corpo -, ele tenta reencontrar suas raízes.

Ao mesmo tempo, e isso aparece no filme depois de toda essa seqüência de acontecimentos, o diretor mostra a vida da filha de Yeter, Ayten Öztürk (Nurgül Yesilçay), que pertence a um movimento revolucionário de Istambul, na Turquia, contrário aos preceitos da União Européia e à globalização e que luta pela integração das mulheres. Ela vem para a Alemanha procurar sua mãe e acaba se envolvendo com uma universitária, Charlotte Staub (Patrycia Ziolkowska), filha de uma senhora protetora, Susanne (Hanna Schygulla, musa do cineasta alemão Rainer Werner Fassbinder). São, em suma, esses seis personagens que, ao longo da trama, acabam se envolvendo, mesmo que indiretamente. Dividido em três blocos, o filme aponta um caminho narrativo interessante, que lembra, em alguns pontos, o plurilíngüe *Babel*.¹

A todo momento, se percebe que a solidão divina, referida inicialmente, pertence também a cada um dos personagens. Ou seja, mesmo a jovem Ayten, que luta por uma causa libertária, parece isolada, querendo apenas encontrar a figura materna, que não vê há anos. O filho professor, Nejat, por sua vez, apesar de viver com o pai, mantém uma certa distância dele. O mesmo acontece com Susanne, incapaz de se aproximar da filha Charlotte. Essa distância acaba sendo, de certa maneira, também política: os ideais de cada um são distintos. Enquanto Ayten é idealista e vive uma trajetória conturbada, Nejat é um literato, preferindo a sala de aula e as livrarias, e seu pai é alheio a assuntos menos superficiais. Do mesmo modo, guando Ayten vai morar na casa de Charlotte, acaba se desentendendo com a mãe desta, que concorda com a União Européia, na visão daquela um "mal". Há, no fundo disso, um conflito político, mas que o cineasta Fatih Akin vê com certa delicadeza.

O problema de Do outro lado começa quando se percebe que a intersecção entre esses conflitos não é costurada da maneira mais eficaz pelo diretor. Ou seja, se na primeira parte do filme, há duas figuras muito fortes, Ali e Yeter, a prostituta, quando eles saem da cena, é visível que o filme fica sem seu principal alicerce. Isso porque a segunda parte da trama, apesar de mostrar os conflitos juvenis, não chega a criar um adensamento, sobretudo pela fragueza interpretativa das duas atrizes. Em nenhum momento elas convencem em seus personagens, e a trama é menos ágil em relação às outras duas partes. Yeter tem o comportamento de uma plebéia num campo de guerra e em nenhum momento transparece a revolta de alguém que luta num movimento rebelde. É de se perguntar por que o diretor acabou escolhendo uma atriz tão contrária àquela que faz sua mãe, extremamen-

1 Ver a resenha intitulada "Babel. Ou a comunicação e a solidão em tempos globais", escrita por Carlos Fuentes, na edição 211, em 12-03-2007, intitulada Amazônia. Verdades e mitos.

te concentrada. A personagem que se envolve com ela também é sustentada por uma interpretação fraca.

No entanto, o que há de relevante nesse núcleo da trama é que as duas personagens trazem questionamentos interessantes. Vendo a trajetória de cada uma, pode-se perguntar se existe liberdade universal quando não há, muitas vezes, liberdade própria; se é possível afastar-se de uma pessoa mesmo quando ela é diferente e existe a necessidade de ajudá-la; se é válido lutar por um movimento quando não há luta nem por quem está ao lado; e, sobretudo, se é possível impedir a globalização quando a vida dos personagens depende dela, guando envolve, no bom sentido, o respeito pelo outro, pelo "diferente". O diretor acaba, mesmo com essas atrizes de uma precariedade interpretativa notável, fazendo com que essas perguntas ganhem relevo — e Do outro lado se constitui numa importante peça para lidar com a alteridade.

Movimento e distância

Esta alteridade que promovem os personagens acaba trazendo à tona outra questão: das figuras básicas familiares. É destacável a maneira como o diretor enfoca o distanciamento entre pais e filhos sem cair na pieguice. Se o pai de Nejat, Ali, é a figura que concentra a primeira parte, Susanne, preocupada com o envolvimento da filha Charlotte com Ayten, sustenta a parte derradeira. A personagem tem uma presença excepcional, marcada principalmente pela atuação de Hanna Schygulla. Essas figuras básicas vão se fazendo em cima de um mundo que está em constante movimento. Sob esse ponto de vista, a figura do pai ou da mãe representam, antes de mais nada, uma espécie de lacuna, uma ausência. No entanto, os filhos e os pais, em Do outro lado, de forma paradoxal, só sentem o reencontro ou o preenchimento dessa ausência com a própria ausência, ou seja, esta parece indicar uma espécie de fortalecimento que reergue cada um dos personagens. O trânsito de ônibus, trens, barcos, aviões e as corridas de cavalo a que Ali gosta de assistir, junto com o filho — irrompem num filme em que o movimento implica, ao mesmo tempo,

uma espécie de distanciamento entre os personagens, fortalecido pela fotografia agridoce de Rainer Klausmann. No entanto, este distanciamento implica, ao mesmo tempo, respeito. Daí o cineasta, de algum modo, apesar de mostrar a rebeldia, para tentativa de transformação da sociedade, dar a sensação de indicar que só há um encontro e uma mudança efetiva quando o indivíduo confronta figuras paternas. Ou seja, os personagens só se encontram por meio de suas figuras básicas, mesmo que para isso seja preciso viajar de um país para outro.

A partir desse ângulo, torna-se mais significativa a cena em que Ayten assiste a uma aula de Nejat, sem que os dois se conheçam, por puro acaso. Nejat está no pulpito em frente à classe, lendo sua aula, enquanto Ayten dorme. É como se Nejat representasse um universo literário que entedia a menina pela qual, mais tarde, irá procurar na Turquia — sem saber que ela está não está mais lá, e sim na Alemanha, à procura de sua mãe. Mesmo que esses encontros casuais sejam sintomas da globalização, se percebe que esta não interfere a subjetividade, ou seja, os personagens se mudam, mas levam consigo os espaços de onde saíram. A globalização, a partir dessa idéia, é o que está em trânsito, disperso e impreciso. Do mesmo modo, ela transparece quando se mostra Ayten viajando com Charlotte num carro, enquanto, num trem - em cena também da primeira parte do filme – estão Nejat e sua mãe Yeter, a qual procura na Alemanha, estando ainda, naquele momento, viva. Os destinos não se encontram, mas a possibilidade de encontro é sempre mais subjetiva do que real.

Do outro lado, nesse sentido, parece indicar não apenas a ligação entre os países enfocados (Turquia e Alemanha), mas a própria transformação pela qual os personagens passam. Como se, do outro lado, existisse uma figura humana que precisasse não apenas ser confrontada, mas de algum modo compreendida, numa espécie de exercício da alteridade. Isso é demonstrado especialmente na cena final, em que a espera é inevitável para um reencontro — mesmo que ele traga a mesma ausência de antes.





Editoria de Poesia

Sebastião Edson Macedo

Por André Dick

Nascido em Floriano, no interior do Piauí, em 1974, o poeta Sebastião Edson Macedo é mestrando em Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), cidade onde mora. Voltado sobretudo a imagens que remetem à infância, ele recupera a idéia de que o poeta é uma espécie de filósofo que vê as palavras pela primeira vez. Desse modo, há algo, ao mesmo tempo, de ingênuo e sofisticado em seu trabalho. No plano das referências o trabalho se encadeia de modo até comum: há figuras que remetem ao cotidiano, à mulher amada, a conversas com familiares. No entanto, Sebastião subverte a sintaxe de modo que a sua poética se torna estranha e com um preciosismo de vocabulário inusitado.

Depois de fazer sua estréia com Puro cego sol (lançado na antologia 8 poetas, em 2004), mostrando poemas curtos, fragmentados, ele publicou o original Para apascentar o tamanho do mundo (Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2006). Munido de uma mistura entre sonoridades que, para alguns, podem soar neoparnasianas ou neobarrocas, Sebastião vai desenhando um espaço no qual a poesia se constrói por meio de analogias e ditos populares, convertidos em poesia com seu corte límpido e seu trabalho com as imagens como se fossem quadros dispostos numa exposição (ele cita num dos poemas a pintura de Tomie Ohtake), arquitetados e simétricos (num poema escreve: "não és simétrico a tua escrita / és simétrico a teu dia / / faz de tua escrita escrever / um eixo teu de simetria"). A figura

da amada, em sua descrição minuciosa, é recuperada nos conjuntos de poemas "Carmina carne" e "Fracta musa", em versos curtos, de impacto, como os de "Acústica" ("a concha silente tato / na boca espera / um bordão"), de "Lábio" ("abóboda tênder / lisa / a polpa que pende / reluzente botão / em rosa / da mucosa tez") ou "Mão" ("contato límpida linha / de traco ônix / cru / repousa sobre a pele / minha / opalina paz o teu calor"). No entanto, o que Sebastião traz de realmente novo é um corte inesperado do verso longo. Ou seja, se inicialmente seus poemas parecem prosaicos, logo surge um salto imprevisto para uma lacuna. Isso mostra, sobretudo, como o poeta recupera certa tradição trazida pelos modernistas, pelos concretos e por João Cabral, mas sem cair na diluição e no epigonismo. Ou seja, ao mesmo tempo em que mostra um discurso longo, de fôlego, ele não esquece os ensinamentos do verso curto, trazido pelos concretos.

A estranheza da infância

Veja-se um poema como "esta acácia dura", em que o poeta mistura o que parece uma lembrança de infância com uma desautomatização poética: "esta acácia concebe / canta lava / faz a chuva mais renitente que almejas / a toalha o colar mais presente de família / / porque passam os carros sopram velas telegrafam / esta acácia hoje mais contigo / a semana que soletraste nas pétalas / este zelo confeitado de candura e véspera / porque declaram

calores e frutas / sorriem provas de afeto / / esta acácia anuncia / estende tece / tem a saúde mais arrojada que imaginas / a sandália o portão mais perto da infância". A estranheza da infância volta em outros momentos, como em "Surpresa" ("foi preciso correr com o telefone no pulmão / para deixar tudo na mais perfeita porta"). De modo geral, aliás, a infância percorre todos os poemas de Sebastião, como se ele estivesse aprendendo ainda a linguagem que utiliza, invertendo sentidos: "eu moro uma palavra em tua mão peregrina"; "os mínimos olhos tornados a pétala / o labor"; "chuva íntima / navegando meus olhos dentro". As frutas, plantas, mudanças de tempo e flores acompanham essa visão, ligandose tanto ao corpo humano quanto a sensações que remetem a um passado longínquo, de uma cidade no interior, por vezes irrecuperável. Junto a esse olhar singular sobre a relação entre o sujeito e a natureza, o sentimento é sempre reflexivo: "ainda tão verde talvez / branco o vico das mãos despertadas / para o banho / porque era num livro / / sempre diverso o meu apego / de tomar as coisas pelo peito / apóstrofo ao bringuedo de olhar / o que dura / no que se desmantela". É exatamente no que se desmantela que Sebastião procura uma forma de duração mais profícua para seus textos, mostrando uma sensibilidade contemporânea e a abertura ao diálogo com outras obras. Nos poemas inéditos que enviou especialmente à IHU On-Line, há muitos aspectos que remetem à sua produção já publicada.



a cigarra

o claro do dia apraz à minha escuridão mas a seiva da minha voz noturna faz de mim um povoamento

uma luz

o sol

o sol é invariavelmente simples ele nasce na nossa cabeça de manhã e põe a noite em nossos olhos depois do entardecer ele sobe as pedras negras e desce pelos ribeiros das cantigas

quando está nublado dentro de casa o sol espera a comida esquentar

dias há em que o sol nos lembra a limonada o papagaio a china mas nunca estivemos na china e o bico dourado do sol entre as mangueiras só de longe um hino vai remedar

a revoada sim qualquer uma ao sol advém em seus alvores esquecemos um nome para dar às fadigas ao azo de tanto tanto dia

porque de dia a gente toma o sol nas penugens do bebê

assíduo

distinto e simples de rosto o sol é invariavelmente conosco nossa cabeça sua cabeça seu ombro moço nosso puro

tendão



uma abóbada importante

para quem tinha enormes montanhas postas em movimento e zelava os contrafortes do amor é estranho que abrevie na boca a imensidão do tempo esse tempo roxo sem tamanho algum

porque já habitam árvores de páginas muito incertas as difusas velocidades da dor e é provável que vocês nunca mais façam os olhos desses olhos queridos ao longo do céu

para quem tinha acabado de perceber o atrevimento da morte hora de atrelar um carro ao boi

ninho

eu alimento o contorno da tua porta

são dois pombos adocicados de algodão e o penteado da madeira moura aberta no sustenido do passo no pouso da casa inteira em tua boca

é com ela que as crianças dormem voam para lá e para cá centenas de cantigas que trazem o solo para a flor e na flor as bochechas da tua mão

eu banho a alegria do teu trampolim



Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos. br/ihu) de 29-07-2008 a 02-08-2008.

Grandes complexos hidrelétricos na Amazônia: entre os riscos e a ilegalidade

Entrevista com Gustavo Pimentel

Confira nas Notícias do Dia 29-07-2008

Uma análise da proposta da construção da usina hidrelétrica de Jirau, no Complexo hidrelétrico do Rio Madeira pela Suez, e da resolução no que se refere à construção da usina de Belo Monte, no Rio Xingu, é o que faz o ambientalista nesta entrevista.

Matriz energética. O Brasil na contramão da história Entrevista com Telma Monteiro

Confira nas Notícias do Dia 30-07-2008

Segunda pesquisadora, o Brasil, com a construção de hidrelétricas e não priorizando as formas alternativas de produzir energia, está andando na contramão da história

"A nanotecnologia envolve questões bem práticas" Entrevista com Naira Maria Balzaretti Confira nas Notícias do Dia 31-07-2008

A professora não pensa a nanotecnologia como algo futurista, pós-humano, pois as pesquisas desenvolvidas no

Brasil nesse campo estão utilizando os mesmos materiais usados em outras pesquisas, com os mesmos controles, mas para serem empregados de forma mais eficiente.

Rodada Doha. O Brasil e o agronegócio Entrevista com Fátima Mello Confira nas Notícias do Dia 01-08-2008

Para a representante da Rede Brasileira pela Integração dos Povos — Rebrip, o fracasso da Rodada Doha pode significar uma recomposição do debate dentro do Mercosul.

Fracasso para o governo, vitória para o povo brasileiro Entrevista com Reinaldo Gonçalves Confira nas Notícias do dia 02-08-2008

O fracasso da Rodada Doha, lamentado pelo governo Lula, é, para os movimentos sociais e alguns estudiosos, uma vitória dos verdadeiros interesses do povo brasileiro.

Análise da Conjuntura

A Conjuntura da Semana está no ar. Confira no sítio do IHU - www.unisinos.br/ihu, no dia 29-07-2008.

A análise é elaborada, pelos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, PR, em fina sintonia com o IHU

acesse

www.unisinos.br/ihu







Revista do Instituto Humanitas Unisinos



IHU em Revista







Revista do Instituto Humanitas Unisinos



IHU em Revista



Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana, realizados pelo IHU. A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

Dia 08-08-2008

De Medellín a Aparecida: marcos, trajetórias e perspectivas da Igreja Latino-Americana

Módulo III

14h às 16h: Contexto social, político, econômico e cultural

de Santo Domingo

Conferencista: Prof. Dr. Inácio Neutzling - Unisinos

16h30min às 18h30min: Conferência de Santo Domingo: rupturas e

continuidades com Medellín e Puebla

Conferencista: Prof. Dr. Paulo Suess - CIMI

19h30min às 22h: Testemunhos de Fé: Exibição do filme *Romero*

(John Duigan, EUA, 1989, Drama, 105min.)

Debatedor: Prof. Dr. Paulo Suess - CIMI

Local do Módulo III: Auditório Central/Unisinos - Centro 1

Participe dos novos eventos do IHU Confira a programação em www.unisinos.br/ihu



Medellín, Puebla, Aparecida e Santo Domingo: a luta pelos pobres e pela libertação

Para o teólogo Paulo Suess, as Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano estabeleceram horizontes regulativos como o próprio evangelho

POR BRUNA QUADROS

s conferências marcam uma caminhada com trigo e joio: Medellín (libertação), Puebla (comunhão e participação), Santo Domingo (inculturação) e Aparecida (missão)." Quem faz essa reflexão é o doutor em Teologia Fundamental e integrante do Conselho Indígena Missionário (CIMI) Paulo Suess, em entrevista concedida por e-mail à revista IHU On-Line. Segundo ele, todas as Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano impregnaram também um caráter sacramental, um caráter indelével na Igreja latino-americana, como a opção pelos e com os pobres e a libertação. "Esse caráter indelével aparece mais na microestrutura eclesial do "povão" do que nas instâncias hierárquicas", destacou. Neste sentido, Suess enfatizou que temos uma grande responsabilidade de continuar essa caminhada, "sobretudo por causa dos pobres e por causa dos nossos mártires que deram a vida pelo povo pobre e as causas do Reino".

Paulo Suess é doutor em Teologia Fundamental com um trabalho sobre "Catolicismo popular no Brasil". Em 1987, fundou o curso de Pós-Graduação em Missiologia, na Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo, onde foi coordenador até o fim de 2001. Recebeu o título de "Doutor honoris causa", das Universidades de Bamberg (Alemanha, 1993) e Frankfurt, 2004). Atualmente é assessor teológico do CIMI e professor no ciclo de pós-graduação em Missiologia, no Instituto Teológico de São Paulo (ITESP). Entre suas recentes publicações, destaca-se *Dicionário de Aparecida*. *40 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida* (São Paulo: Paulus, 2007).

IHU On-Line - Como o senhor avalia a importância das Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano já realizadas para a consolidação da imagem e dos princípios da Igreja na América Latina?

Paulo Suess - Não estou preocupado com a consolidação da "imagem" nem com os "princípios" da Igreja na América Latina. Estou preocupado com a operacionalização das promessas e preocupações da V Conferência (Aparecida) — promessas são dívidas — e a consolidação da Igreja do povo de Deus a serviço do Reino.

A V Conferência Geral se considerou "uma oportunidade para que

todas as nossas paróquias se tornem missionárias" (Documento de Aparecida 173), "centros de irradiação missionária", "lugares de formação permanente" (Documento de Aparecida 306) e "fonte dinâmica do discipulado missionário" (Documento de Aparecida 172).

— A "firme decisão missionária deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais (Documento de Aparecida 365). Para que isso aconteça, exige-se de todas as comunidades que entrem "nos processos constantes de renovação missionária" e que abandonem "as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam

a transmissão da fé" (Documento de Aparecida 365).

— A missionariedade da paróquia deve ser autêntica, quer dizer integral: "Toda autêntica missão unifica a preocupação pela dimensão transcendente do ser humano e por todas as suas necessidades concretas" (Documento de Aparecida 176). A opção pelos pobres "deve atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais" (Documento de Aparecida 396, cf. Medellín 14,4-11; Documento de Puebla 1134-1165; Santo Domingo 178-181).

 "A tarefa missionária se abre sempre às comunidades, assim com



"A realidade da escassez
de ministros ordenados
produziu apenas
lamentos"

ocorreu em Pentecostes" (Documento de Aparecida 171). "Conforme há anos estamos propondo na América Latina, a paróquia chegará a ser 'comunidade de comunidades'" (Documento de Aparecida 309, Comunidades Eclesiais de Base: 179; cf. Santo Domingo 58). "Levando em consideração as dimensões de nossas paróquias, é aconselhável a setorização em unidades territoriais menores com equipes próprias de animação e coordenação que permitam maior proximidade com as pessoas e grupos que vivem na região" (Documento de Aparecida 372).

 A formação é uma peça-chave do Documento de Aparecida (cf. Documento de Aparecida 315). Mas a formação não é um substitutivo pelo "número insuficiente de sacerdotes", que impossibilita "que muitíssimas comunidades possam participar regularmente na celebração da Eucaristia" (Documento de Aparecida 100e). A realidade da escassez de ministros ordenados produziu apenas lamentos: "Com profundo afeto pastoral, gueremos dizer às milhares de comunidades com seus milhões de membros, que não têm a oportunidade de participar da Eucaristia dominical que também elas podem e devem viver 'segundo o domingo" (Documento de Aparecida 253). Também a celebração da palavra "faz presente o Mistério Pascal" (Documento de Aparecida 253).

Face à escassez dos ministros ordenados, segue o apelo aos leigos. "A renovação da paróquia exige atitudes novas nos párocos e nos sacerdotes" (Documento de Aparecida 201), "maior abertura de mentalidade" (Documento de Aparecida 213). "Requer-se que

todos os leigos se sintam co-responsáveis na formação dos discípulos e na missão. Isso supõe que os párocos sejam promotores e animadores da diversidade missionária (...). Uma paróquia renovada multiplica as pessoas que realizam serviços e acrescenta os ministérios" (Documento de Aparecida 202). Deve-se avançar para "garantir a efetiva presença da mulher nos ministérios que na Igreja são confiados aos leigos, como também nas instâncias de planejamento e decisão pastorais, valorizando sua contribuição" (Documento de Aparecida 458b, cf. 454) e promover o "mais amplo protagonismo" do "gênio feminino" (Documento de Aparecida 458a).

IHU On-Line - Que relações podem ser estabelecidas entre os objetivos pretendidos nas conferências? Podemos afirmar que eles foram alcançados?

Paulo Suess - As conferências estabeleceram horizontes regulativos como o próprio Evangelho. As conferências marcam uma caminhada com trigo e joio: Medellín¹ (libertação), Puebla² (comunhão e participação), Santo

1 Documento de Medellín: em 1968, realizase, na cidade de Medellín, na Colômbia, a II Assembléia Geral do Episcopado Latino-Americano que dá origem ao importante documento que passou a ser chamado o Documento de Medellín. Nele, se expressa a clara opção pelos pobres da Igreja Latino-Americana. A conferência foi aberta pessoalmente pelo papa Paulo VI. Era a primeira vez que um papa visitava a América Latina. Sobre a Conferência de Medellín, foi publicado um texto exclusivo nos Cadernos Teologia Pública, uma das publicações do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, intitulado Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois. O material é de autoria do Padre Joseph Comblin, doutor em Teologia pela Universidade de Louvain, na Bélgica. (Nota da IHU On-Line).

2 III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano: realizou-se em Puebla de Los Angeles, no México, em 1979. Puebla teve como preocupação básica: o que é evangelizar, hoje e amanhã, na América Latina? Segundo o Documento de Puebla, a missão fundamental da Igreja é evangelizar hoje, aqui, de olhos abertos para o futuro. A edição de número 37 dos Cadernos Teologia Pública, uma das publicações do Instituto Humanitas Unisinos — IHU, foi dedicada ao conteúdo da Conferência. Intitulado Nas pegadas de Medellín, as opções de Puebla, o caderno teve a autoria de João Batista Libânio, jesuíta, doutor em Teologia. (Nota da IHU On-Line)

Domingo³ (inculturação) e Aparecida⁴ (missão). Mas essas conferências impregnaram também um caráter sacramental, um caráter indelével na Igreja latino-americana: opção pelos e com os pobres, libertação, participação, CEBs, metodologia do ver-julgar-agir, que é a metodologia que parte dos "sinais do tempo" enfatizados por João XXIII,5 em sua encíclica Pacem in Terris.6 Esse caráter indelével aparece mais na micro-estrutura eclesial do "povão" do que nas instâncias hierárquicas. Temos uma grande responsabilidade de continuar essa caminhada, sobretudo por causa dos pobres e por causa dos nossos mártires⁷ que deram a vida pelo povo pobre e as causas do Reino. Os mártires da América Latina

3 IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano: realizou-se em Santo Domingo, na Republica Dominicana, em 1992. O Papa João Paulo II a convocou, oficialmente, em 1990, estabelecendo como tema "Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã", sob o lema "Jesus Cristo ontem, hoje e sempre". É autor do número 18 dos Cadernos Teologia Pública, intitulado De ter missões ao ser missionário - Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II. (Nota da IHU On-Line)

4 Documento de Aparecida: a V conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe foi realizada em Aparecida, São Paulo. As conclusões da reunião compõem o Documento Conclusivo da V Conferência. Sobre o tema, a IHU On-Line produziu uma revista especial em 18-6-2007, intitulada Os rumos da Igreja a partir de Aparecida. Uma análise do documento final da V Conferência. O conteúdo está disponível no sítio do IHU (www.unisinos. br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

5 Papa João XXIII (1881-1963): nascido na Itália, seu nome era Angelo Giuseppe Roncalli. Foi Papa de 28-10-1958 até a data da sua morte. Considerado um papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, convocou o Concílio Vaticano II. Conhecido como o "Papa Bom", João XXIII foi declarado beato por João Paulo II em 2000. (Nota da IHU On-Line)

6 Pacem in Terris: carta encíclica do Papa João XXIII a todos os homens e mulheres de boa-vontade, com uma mensagem de esperança. A Pacem in Terris enuncia quatro critérios para uma sociedade em paz: verdade, justiça, amor e liberdade. Trata-se de quatro valores tão essenciais que constituem não somente os sinais que nos permitem reconhecer uma sociedade realizada, mas também os quatro princípios que sustêm o edifício da paz. A revista IHU On-Line já abordou esse tema na edição número 53, datada de 31-03-2003, com o título 40 anos depois: Pacem in terris. (Nota da IHU On-Line)

7 Para celebrar a memória dos santos e santas, mártires venerados pelas Igrejas Católica, Luterana, Anglicana, Ortodoxa e das religiões afro, o Instituto Humanitas Unisinos — IHU abriu um espaço no sítio www.unisinos.br/ihu, denominado Martirológio Ecumênico. O destaque é para os mártires latino-americanos. (Nota da IHU On-Line)



"A rigor, a cultura cristă nunca existiu. O que existiu, por um lado, foi uma cultura hegemônica imposta aos outros povos"

consolidaram a caminhada da Igreja e confirmaram as inspirações profundas da Teologia da Libertação⁸ (vejam o filme sobre Romero⁹). Essa teologia que se desdobrou em múltiplas outras teologias (Teologia Índia, Teologia da Terra, Teologia do Gênero) não está, talvez, na boca dos teólogos que esperam alguma carreira eclesiástica, mas nas mãos e nos pés do povo. A continuidade da teologia e da pastoral está na continuidade das condições de vida dos pobres e na sua resistência que podemos assumir ("assumir para redimir" Puebla 400) ou largar.

IHU On-Line - O que mudou na Igreja Latino-Americana, a partir da Conferência de Santo Domingo, que teve como tema "Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã"? Paulo Suess - Aparecida restabeleceu o status quo antes de Santo Domingo. Retomou a opção pelos pobres e a análise da realidade de Medellín. O nervosismo de Santo Domingo por causa dos 500 anos, que exigiu um mea culpa da Igreja por causa de

8 Teologia da Libertação: escola importante na teologia da Igreja Católica, desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Ela surge na América Latina, a partir da opção pelos pobres, e se espalha por todo o mundo. O teólogo peruano Gustavo Gutierres é um dos primeiros que propõe esta teologia. A teologia da libertação tem um impacto decisivo em muitos países do mundo. Sobre o tema confira a edição 214 da revista IHU On-Line, de 02-04-2007, intitulada *Teologia da libertação*. (Nota da IHU On-Line)

9 Romero: filme lançado em 1989, sob a direção de John Duigan. O enredo conta a história do Arcebispo Oscar Romero, assassinado durante a missa fúnebre de sua mãe, na capela do Hospital Divina Providência, em San Salvador. Romero conta a história dessa incrível figura humana que tentava ficar acima das lutas políticas de seu país e unir forças numa batalha intransigente pelos direitos humanos. (Nota da IHU On-Line)

sua conivência com a colonização, hoje está aparentemente superado. A própria conferência de Santo Domingo corrigiu, por exemplo, o terceiro subtema da "cultura cristã" que lhe foi imposto por Roma. Nas "Linhas Pastorais Prioritárias" (Santo Domingo 287-302), Santo Domingo assume o primeiro subtema da "nova evangelização" (que não era tão nova), e o segundo subtema da "promoção humana". Quando chega ao terceiro subtema, a "cultura cristã", a conferência o substitui pela "evangelização inculturada" que os delegados de Santo Domingo assumem "na perspectiva de novos métodos e expressões para viver hoje a mensagem evangélica". Mas Santo Domingo não era apenas um acidente de percurso. Os que pretenderam deslocar a análise da realidade do início das reflexões a colocaram no centro das conclusões (Segunda parte, Capítulo II, Santo Domingo 157-227). A cultura cristã, com certo saudosismo da cristandade, cedeu lugar à inculturação: "A inculturação do evangelho é um imperativo do seguimento de Jesus e é necessária para restaurar o rosto desfigurado do mundo (cf. LG 8). Trabalho que se realiza no projeto de cada povo, fortalecendo sua identidade e libertando-o dos poderes da morte" (Santo Domingo 13). Em contraste com a cristandade e seu derivado da "cultura cristã", Santo Domingo definiu a Evangelização inculturada como "salvação e libertação integral de determinado povo ou grupo humano, que fortaleça sua identidade e confie em seu futuro específico, contrapondo-se aos poderes da morte" (Santo Domingo 243). Superando o medo dos profetas do passado (Antônio Montesinos, ¹⁰ Las Casas ¹¹), Santo Domingo reivindicou estas atitudes proféticas do passado para seu agir de hoje e amanhã: "A Igreja, ao se encontrar com estes povos nativos, desde o princípio, tratou de acompanhá-los na luta pela própria sobrevivência, ensinando-lhes o caminho de Cristo Salvador, a partir da injusta situação de povos vencidos, invadidos e tratados como escravos" (Santo Domingo 245).

IHU On-Line - No seu ponto de vista, como está hoje a cultura cristã na sociedade e como o senhor percebe a humanização, a partir de uma nova evangelização?

Paulo Suess - A rigor, a cultura cristã nunca existiu. O que existiu, por um lado, foi uma cultura hegemônica imposta aos outros povos. Por outro lado, houve uma tentativa de viver o Evangelho em todas as culturas, como a Evangelii nuntiandi¹² tinha proposto: "O Evangelho, e consequentemente a evangelização, não se identificam por certo com a cultura, e são independentes em relação a todas as culturas". Nos grandes conflitos de hoje, que são conflitos de redistribuição dos bens (capital, terra, água, trabalho) e de reconhecimento da alteridade (dignidade humana, questões de gênero, causa indígena e afro-americana, migrantes), o Evangelho pode, a partir do seu campo próprio, que é o campo dos sinais de justiça e das imagens de esperança, construir estruturas de participação e de gratuidade. Estas configuram cunhas nas fissuras do sistema e anúncio e prática do Reino.

¹⁰ Antonio de Montesinos (1480-1540): foi um frade e pregador dominicano que se distingui no combate contra o abuso ao qual se submetiam os indígenas da América por parte dos colonizadores. (Nota da IHU On-Line)

¹¹ Bartolomè de Las Casas (1474-1566): foi um frade dominicano, cronista, teólogo, bispo de Chiapas, no México, e grande defensor dos índios, considerado o primeiro sacerdote ordenado na América. Em português, ficou conhecido como Bartolomeu de Las Casas. (Nota da IHU On-Line)

¹² Evangelii Nuntiandi: Exortação apostólica escrita pelo Papa Paulo VI, em dezembro de 1975. O documento se dirige ao episcopado, ao clero, aos fiéis de toda a Igreja e trata da evangelização no mundo contemporâneo. (Nota da IHU On-Line)



Perfil Popular

Cláudia Santos

POR BRUNA QUADROS

o começo, uma situação financeira estável. Hoje, uma fonte de renda que não ultrapassa R\$ 20,00 mensais. Esta é a realidade de Cláudia Santos, 33 anos. Ao visitar a redação da revista IHU On-Line, ela destacou que, mesmo sem passar dificuldades, o período da infância e a experiência do primeiro emprego ficaram para trás. "A minha mãe tinha problemas cardíacos, e eu tinha que cuidar dela." No entanto, estas fases "perdidas" não deixaram mágoas em Cláudia, que afirma ter se dedicado a quem ela mais amou na vida. Hoje, ela faz parte do grupo Mundo Limpo, que produz sabão artesanal cuja matéria-prima é o óleo de cozinha. Conheça um pouco mais da história desta mulher:



Nascida em São Leopoldo, onde mora até hoje, Cláudia Santos não tem uma origem tão humilde. Seu pai, que foi funcionário da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), era, sim, de família pobre, "mas conseguiu crescer na vida, mesmo sem muito estudo", afirma ela. Filha única, Cláudia destaca que não enfrentou dificuldades por causa disso. A falta de irmãos era compensada com a presença de amigos.

O período da infância foi privado de intensos momentos de brincadeiras. "A minha mãe tinha problemas cardíacos, e eu tinha que cuidar dela. Só pude brincar até os sete anos de idade. Brincava sozinha, falando comigo mesma, e me divertia. Fazia de conta que as minhas bonecas eram minhas amigas."

Segundo Cláudia, sua relação com seus pais sempre foi de muita confiança, alicerçada no diálogo. "Eles me ensinaram muitas coisas e me deram educação. Nunca precisei apanhar, porque eles sabiam conversar." Para ela, esta juventude rebelde dos dias de hoje tem origem nas próprias famílias.

A experiência do primeiro emprego e de trabalhos fixos Cláudia também não teve, devido ao longo período de tempo que precisou ficar ao lado da sua mãe. No entanto, ela declara que não se arrepende de nada. "Ao mesmo tempo em que perdi essas coisas, cuidei da pessoa que eu mais amava na vida: minha mãe." Cláudia não deixava de gostar do seu pai, mesmo percebendo que não existia demonstração de carinho da parte dele. "Ele era pai, sabia que tinha que ajudar em casa, mas não transmitia o amor de pai." Aos 20 anos de idade, Cláudia teve uma grande perda, com a morte da sua mãe. A falta refletiu nos estudos, "quando precisava e não tive a presença dela." Oito anos depois, Cláudia também ficou órfã de pai.

Mesmo com alguns empecilhos, ela conseguiu concluir o Ensino Médio. Só não deu continuidade aos estudos, porque não teve o incentivo do seu pai. "Ele tinha condições de pagar, mas achava que era caro e não se interessava." Se tivesse tido a oportunidade de ingressar no Ensino Superior, Cláudia destaca que teria escolhido o curso de Direito. "Meu pai não queria que eu trabalhasse nem estudasse, mas não lembrou que ele e minha mãe, um dia, iriam morrer."

Hoje, Cláudia faz parte do grupo Mundo Limpo, que existe há um ano. "Quando ingressei, já fazia trabalho voluntário, na Escola Estadual Amadeo Rossi, localizada no bairro Santa Teresa, em São Leopoldo, preparando almoço para as crianças carentes." Cláudia conta que nenhuma das voluntárias tinha trabalho fixo, "só faxina, de vez em quando." A partir disso, começaram a se interessar por grupos de reciclagem e Economia Solidária. "No projeto Mundo Limpo, desenvolvido na Vila São Jorge, em São Leopoldo, fa-



zemos sabão com óleo de fritura. Não deixa de ser reciclado nem artesanal. No começo, o sabão dava errado. Era como uma receita de bolo, que desandava. Sinto que, a cada dia, este trabalho cresce mais."

Ao todo, são seis integrantes no grupo Mundo Limpo. O sabão produzido é levado para as Feiras de Economia Solidária. "Nossos amigos e conhecidos também compram o produto. O trabalho ainda não se expandiu. É difícil falar que o trabalho é feito de azeite, porque as pessoas não têm consciência. Elas acham que o óleo vai engraxar a roupa, mas é bem diferente. Aprendo muito com este trabalho." Tamanho é o retorno, que o Mundo Limpo faz parte dos sonhos de Cláudia. "Além de ter a minha casa própria, quero que o grupo cresça cada vez mais. Espero que o trabalho possa nos dar um salário. Por enquanto, o nosso lucro é de apenas R\$ 20 por mês."

Aos 33 anos de idade, Cláudia não é casada nem tem filhos, e mora com uma amiga, que também faz parte do grupo Mundo Limpo. "Já pensei em construir a minha família, mas ainda não achei a pessoa certa." Para Cláudia, não ter a sua própria família não a impede de ser feliz. Ela afirma que o melhor momento de sua vida é o atual, com o trabalho e aprendizado no grupo Mundo Limpo. "Passei por muitos altos e baixos, mas o momento mais difícil foi quando passei fome. Eu tinha amigos e parentes, quando tinha dinheiro. Depois, todos se afastaram de mim."

"Acredito muito em Deus, acima de todas as coisas." É Dele que vem a força de vontade e o impulso para que Cláudia, que freqüenta a Igreja Assembléia de Deus, continue seguindo em frente. "Sou persistente, mas não gosto de esperar. Entreguei o trabalho do Grupo Mundo Limpo nas mãos de Deus, porque sem fé a gente não vai a lugar algum."

Para Cláudia, quando o assunto é política faltam palavras, tamanha a indignação com a atual situação do país. Mas ela arrisca uma opinião: "Há muita coisa para corrigir, como a redução dos impostos e a distribuição de renda. Mudar a situação, de uma vez só, ninguém vai conseguir, porque os erros vêm do passado."

IHU Repórter

Marita Konzen

POR BRUNA QUADROS

esde 1994 no corpo docente da Unisinos, no curso de graduação em Direito, Marita Konzen se identifica com os objetivos e a missão da universidade. De família simples, ela aprendeu com os pais o valor da honestidade e dos estudos. Ao visitar a redação da revista IHU On-Line, para contar aspectos marcantes de sua trajetória de vida até então, Marita revelou que o interesse pela área jurídica vem da necessidade de mudar o quadro de injustiça social que ela sempre percebeu. Sobre a política do país, ela demonstrou preocupação e, ao mesmo tempo, esperança.





Origens - Nasci em Novo Hamburgo e pertenço a uma família pequena: eu e dois irmãos, um já falecido. Sou a filha do meio, estou com 48 anos, mas sempre fui tratada como a mais velha. Meu pai era alfaiate e minha mãe, costureira de roupas. Desde pequena aprendi muito com a minha mãe, vendo-a trabalhar.

Infância - A brincadeira predileta que eu e minha irmã tínhamos, quando éramos crianças, consistia em criar e costurar roupas para as nossas bonecas. Meus pais tinham alguns primos e tios que eram padres e freiras. E era comum que eles fossem até a nossa casa, para almoçar ou jantar. Eram pessoas que irradiavam simplicidade, mas,

ao mesmo tempo, tinham muito conhecimento, por terem cursado Teologia. Isso me encantava, tanto que cheguei a pensar em seguir a carreira religiosa.

Separação - A separação dos meus pais foi ocorrendo aos poucos. Ocorreu, efetivamente, quando eu estava com 14 anos. Ao mesmo tempo em que foi um momento triste, foi uma situação que fez com que nós, os filhos e a minha mãe, nos uníssemos muito. Mesmo assim, convivi com a família paterna e guardo lembranças felizes.

Valores - Meus pais sempre tiveram uma preocupação com a questão ética. Minha mãe dizia que, se eu fosse